



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE  
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA  
CURSO LICENCIATURA EM DANÇA

**LUANA CRISTINA RIBEIRO GOMES**

**QUANDO A SEGUNDA CAMPA TOCA: A AMBIÊNCIA  
LÚDICA DO RECREIO DA ESCOLA ESTRADA NOVA  
COMO PERSPECTIVA PARA O ENSINO E  
APRENDIZAGEM EM DANÇA**

**BELÉM-PA  
2017**

**LUANA CRISTINA RIBEIRO GOMES**

**QUANDO A SEGUNDA CAMPA TOCA: A AMBIÊNCIA  
LÚDICA DO RECREIO DA ESCOLA ESTRADA NOVA  
COMO PERSPECTIVA PARA O ENSINO E  
APRENDIZAGEM EM DANÇA**

Monografia apresentada à Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado no Curso de Licenciatura em Dança.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Msc. Luiza Monteiro e Souza

**BELÉM-PA  
2017**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Biblioteca Universitária do ICA/ETDUFPA, Belém-PA**

Gomes, Luana Cristina Ribeiro

Quando a segunda campã toca: a ambiência lúdica do recreio da Escola Estrada Nova como perspectiva para o ensino e aprendizagem em dança / Luana Cristina Ribeiro Gomes; orientadora Prof<sup>a</sup> M.Sc. Luiza Monteiro e Souza.

Monografia de Conclusão de Curso (Licenciatura em Dança)  
- Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Escola de Teatro e Dança, Curso Licenciatura em Dança, 2017.

1. Dança – estudo e ensino. 2. Arte – estudo e ensino. 3. Jogos infantis. 4. Dança na educação. I. Título.

CDD - .22. ed. 371.12

**LUANA CRISTINA RIBEIRO GOMES**

**QUANDO A SEGUNDA CAMPA TOCA: A AMBIÊNCIA LÚDICA DO  
RECREIO DA ESCOLA ESTRADA NOVA COMO PERSPECTIVA PARA O  
ENSINO E APRENDIZAGEM EM DANÇA**

Esta monografia foi julgada adequada para a obtenção do título de “*Licenciado em Dança*”, e aprovada na sua forma final pela Universidade Federal do Pará.

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Conceito: \_\_\_\_\_

---

Prof<sup>ª</sup> Dra. Maria Ana Azevedo de Oliveira  
Avaliadora – Escola de Teatro e Dança – ICA/UFPA

---

Prof<sup>ª</sup> M.Sc. Simeir Santos Andrade  
Avaliadora – Escola de Teatro e Dança – ICA/UFPA

---

Prof<sup>ª</sup> M.Sc. Luiza Monteiro e Souza  
Orientadora – Escola de Teatro e Dança – ICA/UFPA

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta monografia por processos fotocopiadores ou eletrônicos, desde que mantida a referência autoral. As imagens contidas neste trabalho, por serem pertencentes a acervo privado, só poderão ser reproduzidas com expressa autorização dos detentores do direito de reprodução.

Assinatura \_\_\_\_\_

*Luana Cristina Ribeiro Gomes*

Local e Data: \_\_\_\_\_

Dedico este trabalho inteiramente a Deus e aos meus pais João e Maria que estiverem comigo a todo instante me proporcionando caminhos possíveis para esta minha mais nova jornada na vida.

Primeiramente, agradeço a Deus por tornar meu sonho possível e por estar sempre iluminando o meu caminhar, principalmente nesta jornada que não foi muito fácil.

Aos meus pais Maria Elsilene Alves Ribeiro e João Gomes Ribeiro, que muito batalharam junto a mim, e que me apoiaram de todas as maneiras que lhes era possível, para que eu conseguisse chegar até aqui.

Ao meu irmão João Marcos, pelo companheirismo e paciência.

Ao meu grande amigo, companheiro e namorado Nadyson Alves que esteve comigo em todos os momentos, me apoiando e acreditando em minha capacidade.

Aos meus bichinhos de estimação, em especial Annabelly, Ângela, Mitens e Pavlova, que me acompanhavam altas horas estudando e compartilhando muito afeto.

À minha estimada Orientadora Prof<sup>a</sup>. M.Sc. Luiza Monteiro e Souza, que me apoiou nesta longa jornada, sempre me apontando caminhos engrandecedores para o meu fazer dança.

Às minhas fieis e companheiras amigas Ana Karina, Eduarda Sousa, Jéssica Tatiane, Leylla Melo, Nivea Nogueira, Paula Santos, Roseane Castro e Stephanie de Oliveira, com as quais dividi momentos de angústias e alegrias ao longo desta caminhada.

Às professoras Maria Ana Azevedo (que inclusive aceitou fazer parte da minha banca avaliadora), Mayrla Andrade e Waldete Brito, que demasiadamente contribuíram com o meu fazer.

À Prof<sup>a</sup>. M.Sc. Simei Andrade, que carinhosamente aceitou fazer parte da minha banca avaliadora.

A todos da turma de 2013, pelos compartilhamentos riquíssimos de saberes.

A todos os meus professores da Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará pelo incentivo e múltiplos aprendizados.

E a todos aqueles que de alguma forma contribuíram neste meu caminhar.

**[...] A presença do lúdico no currículo da escola é uma estratégia que deve ser objeto de análise da comunidade escolar, podendo ser apresentada como proposta para a (re) significação do Projeto Político Pedagógico e, conseqüentemente, do currículo numa proposta interdisciplinar de educação.**

**ANDRADE (2012)**

## RESUMO

LUANA CRISTINA RIBEIRO GOMES

### QUANDO A SEGUNDA CAMPA TOCA: A AMBIÊNCIA LÚDICA DO RECREIO DA ESCOLA ESTRADA NOVA COMO PERSPECTIVA PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM EM DANÇA

Esta monografia está imersa na ambiência lúdica dos educandos encontrada na escola Estrada Nova em Belém do Pará, mais especificamente no bairro Pratinha II, como fonte propulsora para o ensino da dança neste ambiente. Além de desenvolver um estudo a partir da metodologia cartografia (ROMAGNOLI, 2009) e de análises das mais variadas expressões corporais Laban (1978), em diálogos construtivos com as autoras Andrade (2012), Dowbor (2007) e Marques (2007), no que diz respeito ao ato de educar através de práticas dançantes no âmbito escolar. Para tanto, no que tange as abordagens Dança, Escola e Educação, esta pesquisa se pauta na estruturação de laboratórios de dança a partir do lúdico (ANDRADE, 2013) da garotada, presente em seu contexto sociocultural e tecendo diálogos possíveis para uma educação de corpo inteiro, haja vista que ao se tratar da cultura escolar, percebe-se um corpo que tem pouca liberdade de expressão. Diante disso, tem-se como objetivo principal, a elaboração de estratégias metodológicas para o ensino da dança inspiradas na ambiência lúdica identificada e que reverbera logo após que a segunda campata toca: o recreio da criançada.

**Palavras-chave:** Educação. Escola. Dança. Ambiência Lúdica. Propostas Metodológicas.

## **ABSTRACT**

**LUANA CRISTINA RIBEIRO GOMES**

### **WHEN THE SECOND CAMPAIGN TOUCHES: THE CHILD ENVIRONMENT OF SCHOOL RECREATION NEW ROAD AS A PERSPECTIVE FOR TEACHING AND LEARNING IN DANCE**

This monograph is immersed on the ludical ambience of the students from Estrada Nova School in Belém of Pará, precisely on Pratinha II neighborhood, as a source propulsion of dance local teaching. Developing either from a study based on a cartographic methodology (ROMAGNOLI, 2009) some analysis of the most variety body expressions. LABAN (1978), in constructive dialogues with the authors ANDRADE (2012), DOWBOR (2007) e MARQUES (2007) of educate through dancing practices in the school sphere. This research is based on a restructuring of dance laboratories from the ludic to approach dance, school and children's education close together (ANDRADE, 2013), present in their socio cultural context and doing some possible dialogues for a whole body education, talking about school culture, it's noticed that they have a freedom expression in small tendencies. Considering this, the principal meaning of this monograph is the elaboration of a methodological strategies for the dance teaching, inspired by the ludical ambience sound that reverberates right after the second touch: The Break Time.

**Keywords:** Education. School. Dance. Ludical Ambience. Methodological Sugestions.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - Correlação de conceitos no verbo educar.....	19
Figura 02 – Recreio da Escola Estrada Nova.....	33
Figura 03 – Grupo Escolar República da Venezuela .....	34
Figura 04 – Pega-pega .....	41
Figura 05 – Corredor .....	42
Figura 06 – Brincando entre as “coisas” .....	42
Figura 07– O Dia do Silêncio.....	43
Figura 08– Roda de Conversa.....	45
Figura 09 – Derivações de alguns movimentos corporais de acordo com o estudo de.....	48
Figura 10 – Fatores e qualidades dos movimentos segundo Laban.....	48
Figura 11- Relação dos conteúdos associados aos laboratórios de dança .....	58
Figura 12 – Escravos de Jó.....	60
Figura 13– A Tentativa de um Círculo .....	61
Figura 14 –Polícia e Ladrão 1.....	62
Figura 15 – Polícia e Ladrão 2 .....	62
Figura 16 – Leitura de Ações Corporais .....	64
Figura 17 – Ação Socar.....	64
Figura 18 – Cabo de Guerra.....	65
Figura19– Coreografia Cabo de Guerra.....	65
Figura 20 – Pula Corda.....	65
Figura 21 – Coreografia Pula Corda .....	65

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2 RECONHECENDO NOSSO MOMENTO HISTÓRICO: ETAPAS CAMINHANTES VISLUMBRANDO PROPOSTAS PARA UMA EDUCAÇÃO DE CORPO INTEIRO</b>	
2.1. EDUCAR: PARA QUÊ? QUEM? COMO?.....	19
2.2. PROFESSOR: UM VÍNCULO COM A INSPIRAÇÃO.....	24
2.3. ARTE/ DANÇA E EDUCAÇÃO: A CONTRIBUIÇÃO DO ENSINO DA ARTE/DANÇA NO AMBIENTE ESCOLAR.....	29
<b>3 ESCOLA ESTRADA NOVA: UM COTIDIANO CRIATIVO</b>	
3.1. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA ESTRADA NOVA.....	33
3.2. CORPO NA ESCOLA: ALUNO E SEU REPERTÓRIO AFETIVO CULTURAL.	36
3.3. AMBIÊNCIA LÚDICA: O CENÁRIO DA GAROTADA.....	40
<b>4 A DANÇA SECRETA DO RECREIO</b>	
4.1. VIDA DE CRIANÇA: LABORATÓRIOS DE DANÇA A PARTIR DA AMBIÊNCIA LÚDICA DA GAROTADA.....	47
4.2. APRENDER BRINCANDO: A DANÇA EM EVIDÊNCIA E O RELATO DAS AULAS.....	59
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>67</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>69</b>
<b>ANEXOS</b>	

## 1 INTRODUÇÃO

Sempre acreditei que a educação exercida até os tempos atuais é um quanto que autoritária e que mantém o corpo “estagnado”. E vinha me questionando o porquê do corpo não ser tão valorizado e muitas vezes omitido na sociedade (a exemplo das escolas que tanto buscam realçar uma boa educação que acaba postergando o corpo), e o porquê de não reconhecê-lo e liberá-lo, através de novos conceitos a ele atribuídos, visto que os tantos afazeres da vida movida pelo capitalismo nos cega em relação a nossa percepção corporal.

Neste sentido, acredito que a escola é um espaço onde se pode lutar pelas transformações sociais, então percebo que não é justo que a mesma acabe limitando o homem. Sem ter a pretensão de ser ofensiva, creio que dessa maneira o corpo vai perdendo sua inteireza e sendo transformado em um objeto de conhecimento hegemônico e manipulável. Pois o indivíduo refuta sua idiosincrasia, por estar cada vez mais vivendo em prol do amanhã (na busca incessante do conhecimento imaterial) e não vivenciando o hoje.

Vale ressaltar que não coincidentemente, as crianças estão sendo inseridas cada vez mais cedo no âmbito escolar, para serem preparadas objetivando um futuro distante. E nessas circunstâncias, nossas crianças por vezes podem ser privadas de liberdade de expressão, criação, imaginação, dentre outras necessidades como seres sensíveis.

A partir do exposto, me vi frente à dança como sendo uma facilitadora da aprendizagem, pois educar através da dança não é apenas uma troca de conhecimento, mas sim uma partilha, onde todos os envolvidos aprendem conjuntamente e o educador não transfere saberes, mas ajuda seu discente a pensar, refletir e construir seus próprios fundamentos e pensamentos em contraponto com a realidade na qual vive.

A dança para mim começou a ser vivenciada, mais fortemente, aos meus 18 anos (pois até então o que conhecia sobre dança se limitava apenas às danças festivas das escolas nas quais estudei). Mas como havia dentro de mim uma vontade fugaz de aprender mais sobre dança, decidi levar esse estudo adiante e trilhar este caminho que tanto alimentava a minha alma.

Isso se concretizou quando ainda fazia cursinho pré-vestibular no colégio Sophos<sup>1</sup>,

---

<sup>1</sup> Firmemente comprometido com sua função vocacional e com seu compromisso existencial, “educar”, o Colégio Sophos entende que educação é: Um fato presente em qualquer sociedade humana através dos séculos. E, um fato relevante já que, independente de qualquer referencial de comparação, toda sociedade tem seu conjunto de valores e normas, que são histórica e socialmente reproduzidos pelos processos educativos, pois como representante de uma espécie biológica, o homem de tal sociedade, de tal meio de civilização, é filho do seu passado, de todo o seu passado. Disponível em: <[www.sophos.com.br](http://www.sophos.com.br)>

quando conheci a professora Leila Velasco<sup>2</sup>, a qual sempre via andar pelos corredores do colégio trajando roupas de dança. Então, em um belo dia tive a coragem de conversar com ela e a mesma abriu meus horizontes. Foi aí que percebi que não estava velha demais para fazer o que há anos almejava e nem tarde demais para tentar o curso de Licenciatura em Dança na Universidade Federal do Pará.

Então, no ano de 2010 foi minha primeira tentativa, mas não passei, e que bem me fez não ter passado, pois mesmo querendo muito cursar ainda me via frente a muitas dúvidas em relação ao que os meus pais desejavam para o meu futuro. Mesmo diante disso, dei continuidade às aulas de dança. Sai da turma de iniciantes da professora Velasco, mas passei a fazer parte da Escola Municipal de Dança de Belém<sup>3</sup> e posteriormente da Companhia Municipal de Dança de Belém<sup>4</sup>, onde o aprendizado foi múltiplo e enriquecedor. E daí em diante, minha vida caminha nos trilhos da dança.

Assim, recordo-me, que antes mesmo de ingressar no curso de Licenciatura em Dança na Universidade Federal do Pará, em 2013, já me imaginava trabalhando com crianças em escolas, mais especificamente, em escolas públicas. E convicta do que já queria, propus-me a passar por uma experiência: a de sondar um pouco o ambiente no qual pretendia trabalhar.

Foi então que em 2014, quando ainda cursava o quarto semestre e me encontrava frente a vários questionamentos acerca de como seria minha prática pedagógica enquanto educadora por meio das artes (O que fazer? Por que fazer? Para quem fazer? Como fazer?), tomei a atitude de escrever um projeto e executá-lo em uma escola pública no bairro em que moro. Fui até a escola Estrada Nova, localizada no bairro Pratinha II e falei à diretora do local de minha vontade em educar através do ensino da dança, e a mesma foi muito receptiva comigo.

Naquele momento, o meu projeto era voltado para observar as aulas de dança

---

<sup>2</sup> Possui graduação em Educação Física pela Universidade do Estado do Pará (1993). Atualmente é PROFESSORA Classe II da secretaria de educação do estado do Pará. Tem experiência na área de Educação Física. (Informações extraídas da Plataforma Lattes)

<sup>3</sup> A Escola Municipal de Dança de Belém é um projeto cultural em pleno desenvolvimento, cuja a grandeza se verifica pela extensão social, dimensão cultural e pela abrangência educacional. A escola vem há 24 anos desenvolvendo processos artísticos/educacionais por meio da linhagem da dança com o intuito de democratizar e ampliar o acesso da população a uma prática importante na conquista do pleno desenvolvimento da cidadania. Tendo como ponto de partida: atividades que contemplam o contexto sócio-artístico-educacional da grande Belém, funcionando em cooperação com entidades diversas, estabelecendo parcerias em forma de convênio, oferecendo a ambiência de suas instalações. Disponível em: <[www.mapeamentonacionaldadanca.com.br](http://www.mapeamentonacionaldadanca.com.br)>.

<sup>4</sup> A Companhia Municipal de Dança de Belém vem com o intuito de oportunizar os jovens bailarinos oriundos da Escola Municipal de Dança de Belém a experimentar e vivenciar, de maneira mais aprofundada tecnicamente as linguagens da dança. Disponível em: <[www.mapeamentonacionaldadanca.com.br](http://www.mapeamentonacionaldadanca.com.br)>

ministradas pelo professor responsável, através do programa Mais Educação<sup>5</sup>. A princípio, confesso não ter gostado muito, pois as aulas eram exclusivamente de funk<sup>6</sup>, não que eu tenha algo contra, mas é que a maioria dos professores que trabalham em projetos desse formato optam por essa linguagem de dança. Entretanto, compreendo também que essa é a realidade de muitas comunidades escolares, e em muitos casos, é a melhor maneira de “atrair” os alunos.

A questão em si, é que eu queria ver como a dança estava sendo aplicada em uma escola pública. Deparei-me com situações alegres e tristes. Descontente pelo fato do ambiente ser um pouco carente e não ter um espaço adequado para que os alunos pudessem usufruir melhor dele (ter que se retirar do lugar quando o sol está muito vívido, ter que sair quando chove, porque alaga, dentre outros aspectos). E, ao mesmo tempo, surpresa, porque esses episódios que muito me inquietavam, eram para aquelas crianças coisas supérfluas, e faziam desses obstáculos um simples brincar, e às vezes até piada. O imaginário criativo infantil é de uma riqueza inacabável.

Passado algum tempo, foram cortadas as verbas para o programa Mais Educação, e logo a dança também virou fumaça, e eu dei como acabada minha “visita observatória”. A partir da vivência que obtive, desejei dar continuidade ao ensino da dança nesta escola, acreditando que tanto eu quanto a escola Estrada Nova compartilharíamos conhecimentos riquíssimos com e através da Dança.

Assim, desde essa vivência passei a me perguntar como eu poderia trabalhar com a dança neste espaço sem precisar padronizar os alunos, sem querer adequar os corpos a uma linguagem de dança específica. Foi então que comecei a analisar melhor que corpos eram aqueles e como eles se comportavam no ambiente escolar. Partindo dessas primeiras análises, fiz observações sobre a inserção do corpo no ambiente escolar e que percebi que realmente,

(...) não é justo que, em nome da educação, crianças e adolescentes sejam confinados em cubículos de meio metro quadrado (o espaço de movimentação possível de quem senta nas carteiras escolares), quatro horas por dia, cinco dias por semana, duzentos por ano, onze anos, num total de

---

<sup>5</sup>O Programa Mais Educação, instituído pela Portaria Interministerial nº 17/2007 e regulamentado pelo Decreto 7.083/10, constitui-se como estratégia do Ministério da Educação para induzir a ampliação da jornada escolar e a organização curricular na perspectiva da Educação Integral. As escolas das redes públicas de ensino estaduais, municipais e do Distrito Federal fazem a adesão ao Programa e, de acordo com o projeto educativo em curso, optam por desenvolver atividades nos macrocampos de acompanhamento pedagógico; educação ambiental; esporte e lazer; direitos humanos em educação; cultura e artes; cultura digital; promoção da saúde; comunicação e uso de mídias; investigação no campo das ciências da natureza e educação econômica. Disponível em: <portal.mec.gov.br>. Acesso em: 15.01.2017.

<sup>6</sup> Funk é considerado um gênero musical com ritmo forte e envolvente. Hoje em dia, ao se tratar da dança, o funk estimula movimentos expressivamente fortes, soltos e muitas vezes sensuais.

8.800 horas de confinamento. É chocante, absurda, escandalosa essa educação sem corpo, essa deformação humana (FREIRE, 1989, p.157).

Diante disso, após tantas indagações e questionamentos, percebi que em meio a tantas amarras no ambiente escolar, há um momento em que as crianças se “libertam” e partilham relações de vivacidade agente, que é justamente o horário do recreio. Então, cogitei a seguinte possibilidade: Por que não levar adiante a minha pesquisa sob o viés da ludicidade, fazendo uso dessa ambiência lúdica encontrada logo após que a segunda campata toca (que imaginadamente chama os alunos para se sentirem mais livre em suas brincadeiras no recreio, já que a primeira campata (ilusoriamente) é o chamado para irem para suas salas e ali se sentarem longas horas, limitando seus movimentos)?

Sendo assim, comecei a analisar e apontar como problema da pesquisa como seria possível trabalhar a dança em potência<sup>7</sup> (dança secreta) presente no recreio de forma lúdica para os alunos da escola Estrada Nova em Belém do Pará e pensava na hipótese de que era possível utilizar as próprias brincadeiras das crianças no recreio dessa escola para propor laboratórios de dança.

Para tanto, defini como objetivo geral da pesquisa elaborar estratégias metodológicas para o ensino da dança inspiradas na ambiência lúdica do recreio que se articulam às experiências dos alunos da escola Estrada Nova. Neste sentido, propus-me a desenvolver laboratórios de dança a partir de jogos/ brincadeiras dos alunos, observados no recreio, para que estes pudessem servir como mecanismos de ensino-aprendizagem da dança, fomentando o aprender da mesma de forma lúdica, expansiva e pensante e desvelando a “dança em potencia” existente nesse intervalo de tempo, a partir do manuseio de atividades de socialização.

As estratégias metodológicas foram desenvolvidas e fundamentadas nos estudos de Rudolf Von Labans no que se refere ao corpo, expressividade e movimento, para que assim fosse possível tecer diálogos entre a dança e a ambiência lúdica identificada na escola Estrada Nova. Então, foram elaborados laboratórios de dança a partir de jogos e brincadeiras presentes

---

<sup>7</sup> Trata-se da dança que se encontra secreta, que ainda está para ser revelada, mas que ao unir a escola Estrada Nova, o recreio e a ambiência lúdica, essa dança é desvelada a partir das brincadeiras vivenciadas pelos alunos, fazendo alusão aos seus movimentos. Podemos então, pensar que essa potência “configura um processo que se inicia no corpo e materializa-se no movimento do corpo que dança” (SETENTA, 2005, p. 2).

<sup>8</sup>Tendo atuado na Dança como bailarino, professor e coreógrafo, Rudolf von Laban destaca-se como um dos maiores teóricos da área do século XX, que “(...) tem até hoje oferecido contribuições inestimáveis para as áreas de Dança, Teatro, Psicologia, Antropologia, Sociologia, Saúde, Comunicação, Indústria – para citar algumas” (MARQUES, 2010, p. 65-66). Nas áreas de Artes Cênicas e Educação, sobremaneira, suas pesquisas foram “abraçadas” e disseminadas por todo o mundo (FRANKEN [SD]).

neste ambiente escolar. Ressalto também, como parte das estratégias metodológicas, entrevistas com a diretora do turno manhã, com as coordenadoras dos turnos manhã e tarde via gravações e com os alunos, mediante registros dos momentos de observação e experimentação, por meio de escritos, desenhos, vídeos e fotos.

No que se refere à divisão estrutural desta monografia e aos referenciais teóricos, a pesquisa está organizada em cinco seções.

A primeira seção é a própria introdução, sendo esta, na qual realizo uma abordagem sobre a minha iniciação no campo da dança, por onde perpasso até chegar ao presente momento em que me faço várias indagações e aponto o problema desta pesquisa e possível hipótese para o mesmo.

A segunda seção tece diálogos com as autoras ANDRADE (2012) sobre educação, com DOWBOR (2007), no que diz respeito ao papel do professor e com MARQUES (2007), em relação ao ensino da Dança, abordando assim, questionamentos sobre quem ensinar, para quem ensinar e como ensinar.

Já na terceira seção, é evidenciada a ambiência lúdica da escola Estrada Nova como fonte criativa e educativa para o desenvolvimento de práticas dançantes, elucidando sempre o aprender sob o viés lúdico (ANDRADE, 2013) da garotada.

Na quarta seção, concretiza-se então, os laboratórios da pesquisa com propostas metodológicas, junto ao estudo de LABAN (1978), acerca das ações corporais básicas e fatores do movimento para o ensino da dança no entrelaço do universo teórico das seções.

E na quinta e última seção, saliento novamente o problema e o objetivo geral dessa pesquisa e esclareço se minha hipótese foi ratificada ou não. Além de apontar possíveis desdobramentos para essa pesquisa mais adiante.

Enfatizo que como pesquisadora estive imbuída com os sujeitos/objetos aos quais objetivei pesquisar, visando e traçando relações de subjetividade a cada etapa desta pesquisa, adotando como metodologia a cartografia, a qual

[...] parte ainda de outra leitura da realidade, pois não quer só buscar o qualitativo, mas também romper com a separação sujeito e objeto 3. Em contraposição a uma forma de pensar dicotômica, essa vertente convoca a imanência, a exterioridade das forças que atuam na realidade, buscando conexões, abrindo-se para o que afeta a subjetividade. (ROMAGNOLI, 2009, p. 170).

Com efeito, esta monografia está pautada no ensino da dança a partir da ambiência lúdica dos educandos, tecendo estreitas relações entre pesquisadora e pesquisados, visando não somente uma pesquisa quantitativa, mas também um universo teórico prático qualitativo.

A fim de promover um maior embasamento à pesquisa realizada, dividi a mesma em quatro etapas: observação do recreio (durante os meses outubro e novembro); coleta de dados a partir de procedimentos com desenhos e escrita para a sondagem sobre o que era o recreio e as brincadeiras que os alunos mais gostavam (realizada a partir de uma roda de conversa na terceira semana do mês fevereiro); elaboração de laboratórios de dança em diálogo com as brincadeiras dos educandos, a partir das duas primeiras etapas (sendo elaborados ao longo dos meses dezembro, janeiro e fevereiro) e a aplicação desses laboratórios (nos meses fevereiro e março).

Destaco que, para a primeira etapa decidi acompanhar e analisar o recreio das oito turmas existentes na escola Estrada Nova todas às terças e quintas de 09: 30 às 10: 30 da manhã, durante os meses outubro e novembro, com o intuito de especular minuciosamente os momentos vividos por todos os alunos daquele ambiente e a partir dessas observações, escolher a turma com a qual iria realizar as próximas etapas. Saliento que, pela manhã as turmas eram divididas em uma do 1º ano (de 6 a 7 anos), duas do 2º ano (de 7 a 8 anos), duas do 3º ano (de 8 a 9 anos), uma do 4º ano (de 10 a 9 anos), uma do 5º ano (de 12 a 14 anos) e uma turma do projeto Mundial, este que visa minimizar a defasagem idade-série, e no qual a escola Estrada recebe alunos a partir de 15 anos (mas atende também casos específicos de alunos a partir de 12 anos).

Ressalto ainda que, na tentativa de encontrar possível hipótese para o problema apontado neste estudo, as etapas caminantes, assim identificadas como processos metodológicos, foram pesquisas bibliográficas, observação, análise e registros das atividades que permearam o estudo interligadas às vivências de conteúdos da dança em diálogo com a ambiência lúdica (a exemplo das brincadeiras) dos alunos, presentes no recreio.

## 2 RECONHECENDO NOSSO MOMENTO HISTÓRICO: ETAPAS CAMINHANTES VISLUMBRANDO PROPOSTAS PARA UMA EDUCAÇÃO DE CORPO INTEIRO

### 2.1 EDUCAR: PARA QUÊ? QUEM? COMO?

Figura 1 - Correlação de conceitos no verbo educar



Fonte: Elaborado pela autora, 2017

Educar é um verbo composto por apenas seis letras, mas que possui em si um fazer que requer, dentre outros aspectos, empatia, dedicação, união, cumplicidade, afeto e respeito. Além disso, carece bastante paciência, força de vontade, muito amor e o qual considero estar ligado às perguntas:



Estas perguntas norteiam o meu fazer enquanto educadora por meio da arte, mais especificamente, sob o viés da dança, haja vista que me proponho ensinar a partir do lúdico. E para que estes questionamentos tenham mais fundamentação e me ajudem nesta caminhada, apresento a seguir um breve apanhado histórico de como vem ocorrendo a educação no Brasil, uma vez que acredito ser necessário ter este conhecimento para poder avaliar a educação exercida no país, visando pontuar os aspectos positivos e negativos, a fim de que se possa compreender, somar e apontar caminhos que fortaleçam a educação nos tempos atuais.

Sabe-se que atualmente a educação brasileira sofre várias queixas e na sociedade há sempre um querer de mudanças no papel que rege o Estado, mas precisamos ser coerentes e

perceber que em outros contextos históricos essa educação se perpassava de maneira mais insatisfatória. Vejamos!

Primeiramente, faço aqui um levantamento histórico sobre a política educacional, no entrelaço de um apanhado de ideias decorrentes da autora Bárbara Freitag (1986). Em seu livro “Escola, Estado e Sociedade”, a autora cita três períodos históricos (os quais são específicos modelos da economia brasileira): o primeiro é o Colonial até a República Velha, o segundo é o que vai de 1930 a 1960 e o terceiro é o que vai de 1960 aos dias atuais.

No primeiro período, ela retrata que uma política educacional é quase que inexistente, período no qual a sociedade civil era composta quase que exclusivamente pela Igreja e a infraestrutura correspondia à economia agroexportadora. Diante dessa realidade a autora questiona: “Que importância poderia ter a educação dentro de tal formação social, na qual a monocultura latifundiária exigia um mínimo de qualificação e diversificação da força de trabalho (força esta, composta basicamente de escravos trazidos da África)?” (FREITAG, 1986, p.49).

A escola, como mecanismo de re-alocação dos indivíduos na estrutura de classes, era, portanto, dispensável. Restavam-lhe ainda duas funções: a de reprodução das relações de dominação e a de reprodução da ideologia dominante. As escolas de jesuítas, especialmente os colégios e seminários em funcionamento em toda a Colônia, preenchiam perfeitamente essas funções, ajudando e assegurando dessa maneira a própria reprodução da sociedade escravocrata (FREITAG, 1986, p. 47).

Acredito que o tempo citado acima realça apenas interesses financeiros voltados para o “senhoril”, onde a educação (que era basicamente para a submissão de classes) se faz presente pelos jesuítas, com a intenção de engrandecer o poderio da Igreja Católica.

No segundo período, Freitag (1986) relata que devido à crise mundial de 1929 ocorreram inúmeras mudanças no Estado, as quais provocaram uma reestruturação global do poder estatal.

Vargas assume o poder em 1930, implantando, em 1937, o Estado Novo, com traços ditatoriais. Isto significa que a sociedade política invade áreas da sociedade civil, subordinando-as ao seu controle. É o que ocorrerá com as instituições de ensino. É criado pela primeira vez, em 1930, um Ministério de Educação e Saúde, ponto de partida, segundo Valnir Chagas, para mudanças substanciais na educação, entre outras, a estruturação de uma universidade (FREITAG, 1986, p. 50).

Ainda nesse momento temos a nova Constituição de 34 (Art. 150a) com a necessidade

da elaboração de um Plano Nacional da Educação que coordene e supervisione as atividades de ensino em todos os níveis; a gratuidade e obrigatoriedade do ensino primário, e o ensino religioso facultativo; a introdução do ensino profissionalizante, visando principalmente às classes “menos privilegiadas” (Art. 129), dentre outras disposições.

Mesmo com essas mudanças e implantações na educação é cabível dizer que estas foram regulamentadas com benefícios visando, principalmente, atender as necessidades da sociedade, no que se refere ao ensino profissionalizante, com “um certo” interesse.

Especialmente o trabalho nos vários ramos da indústria exige maior qualificação e diversificação da força de trabalho, e portanto um maior treinamento do que o trabalho na produção açucareira ou do café. O Estado, procurando ir ao encontro dos interesses e das necessidades das empresas privadas, se propõe a assumir o treinamento da força de trabalho de que eles necessitam (FREITAG, 1986, p. 52-53).

É perceptível que todas as estruturas vinculadas à educação nos contextos acima, possuem um vínculo de interesse do Estado para com a sociedade. Até este momento a educação perpassa por várias mudanças (onde muitas políticas educacionais não foram avaliadas e/ou mantidas, uma vez que não eram cabíveis perante o contexto ditador). Neste sentido é importante ressaltar que

O texto definitivo de LDB só será sancionado em 1961, remontando a 1948 o primeiro projeto-de-lei, encaminhado à Câmara pelo então Ministro da Educação, Clemente Mariani. Esse projeto, expressão das preocupações populistas do novo governo, procura corresponder a certas ambições das classes subalternas.[...] Primeiro propondo a extensão da rede escolar gratuita (primário e secundário), segundo, criando a equivalência dos cursos de nível médio (inclusive o técnico), que, além de equiparados em termos formais, apresentam, nesse projeto, maior flexibilidade: permitem a transferência do aluno de um ramo de ensino para o outro, mediante prova de adaptação (FREITAG, 1986, p. 56- 57).

É a partir da década de 60 que entra em vigor a Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Mas o que realmente vem propor a LDB? De acordo com Art. 2, a mesma proclama a educação como direito e dever de todos, onde a educação para o cidadão não é só direito, mas também obrigatoriedade.

Partindo de análises sobre a educação que vem sendo exercida em nossa sociedade, é notório que muitos princípios não vêm sendo cumpridos de acordo com o que é estabelecido na Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

Como exemplo dessa realidade, cito o filme “Carregadoras de Sonhos”, o qual é uma tese sobre a educação pública no Brasil, do diretor baiano Deivison Fiúza. Nele percebemos educadoras em uma luta constante, enfrentando desafios todos os dias, vemos escolas que são mantidas apenas pelo interesse de verbas, ou seja, o filme retrata o verdadeiro descaso com a educação.

A verdade é que nos documentos as propostas são as melhores para a população quando se trata da educação, mas quando colocadas em prática não amparam e nem suprem as reais necessidades da sociedade. Como podemos observar esse não é um problema de agora.

É claro que, não posso ser hipócrita e dizer que até os tempos atuais não houve melhoras no âmbito educacional, e pensar em apenas culpar o Governo pela deficiência da educação. Acredito que cabe a cada educador fazer a sua parte, amar o que faz, e é lógico, não esquecer que deve haver respeito mútuo em relação à diversidade decorrente ao que concerne à sociedade em si. Além disso,

Considera-se importante salientar que as mudanças vivenciadas nas últimas duas décadas na educação brasileira estão envoltas na evolução das LDBs e, especialmente, no uso de Políticas Públicas Educacionais voltadas para a construção de uma educação inclusiva, cidadã e de qualidade (FERREIRA; SANTOS, 2014, p. 147).

Diante disso, percebo que educar é gratificante, entretanto, não é fácil. Pois nas pesquisas teórico-metodológicas são analisadas as políticas educacionais, as quais são aplicadas pelo Estado ainda de forma muito deficiente, considerando-se que em muitas ocasiões falta compromisso, fiscalização e até mesmo um plano de desenvolvimento para a efetivação das políticas educacionais já criadas.

Por tal motivo, acredito que palestras, encontros com a população de maneira geral, sem importar sua classe social, são importantes para o conhecimento das camadas populares, no que diz respeito a seus direitos e deveres, tornando-os assim cidadãos mais empenhados em debater seus direitos de maneira adequada, sabendo de fato para que determinada política foi criada. Haja vista que,

[...] falar em política educacional implica considerar que “a mesma articula-se ao projeto de sociedade que se pretende implantar, ou que está em curso, em cada momento histórico, ou em cada conjuntura, projeto este que corresponde [...], ao referencial normativo global de uma política” (Azevedo, 2001 *apud* GIRON, 2008, p.18).

Sabe-se que há um vasto campo de pesquisas nas áreas das políticas educacionais

(principalmente quando se é citado o Brasil), mas infelizmente uma grande parte da população não usufrui de uma educação de qualidade (sem citar uma estrutura qualificada de saúde, trabalho, moradia e lazer). Desta forma, o Estado acaba contribuindo para a falta crítica e dialética da própria população para com o quadro sociopolítico e econômico do país, e ocasionando um funcionamento ainda insatisfatório das políticas já concebidas.

Diante da realidade na qual observamos em alguns momentos a ineficiência das Políticas Educacionais, devido ao pouco investimento em uma boa educação e a pouca importância dada ao professor e ao aluno, é cabível à comunidade escolar se utilizar de um teor crítico e reflexivo mais amplo, para que se possa tornar perceptível que a educação é transformadora. Sendo assim,

Faz-se necessária uma discussão sobre o que a escola realmente precisa ensinar, atentando para uma questão assaz pertinente: aproximar a escola da vida real é o desafio que se põe a todo educador. A presença do lúdico no currículo da escola é uma estratégia que deve ser objeto de análise da comunidade escolar, podendo ser apresentada como proposta para a (re)significação do Projeto Político Pedagógico e, conseqüentemente, do currículo numa proposta interdisciplinar de educação (ANDRADE, 2012, p. 99).

Gostaria de enfatizar o lúdico por acreditar que a partir dele, inserido no ensino da dança, podemos proporcionar uma educação de corpo inteiro, pela qual o aluno tem mais liberdade, podendo se expressar criativamente por meio do movimento. Além disso, acredito na capacidade do lúdico de oportunizar à criança um ensino mais prazeroso, possibilitando que ela aprenda de maneira mais natural e desenvolva várias habilidades a partir de novos conhecimentos atribuídos. Posto que, compreendo

[...] a ludicidade como um caminho a mais para a formação do *homo ludens*, no dizer Huizinga(1971), ou seja, o homem que brinca, que se diverte, que cria um espaço de possibilidades para continuar se reinventando cotidianamente (ANDRADE, 2012, p. 27).

Então, diante desta perspectiva, proponho como estratégia para o ensino da dança ensinar sob o viés da ludicidade, vislumbrando sempre pesquisas relacionadas ao ato de educar. E é claro, buscar analisar todo o contexto histórico que se perpassa até os tempos atuais, tentar obter práticas e conhecimentos para que haja possíveis melhorias dentro deste contexto. E, para além disso, pesquisas direcionadas à arte/dança podem fazer um grande diferencial, uma vez que a dança proporciona ao aluno o conhecimento não apenas sobre essa

arte, mas também acerca da própria corporeidade, enquanto sujeito sensível/biológico, fatores estes que considero serem importantes e que contribuem na formação de cidadãos com pensamento crítico e participativos no meio social.

Ao longo desses quatro anos de minha formação na Licenciatura em Dança, vinha questionando como seria minha atuação profissional, mais especificamente dentro de uma escola de ensino formal e lembro-me de uma discussão que ocorreu no dia 7 de novembro de 2013, em uma aula ministrada pela professora Luiza Monteiro na disciplina Escola, Dança e Educação.

Recordo-me de entrarmos em diálogo sobre a questão de que a arte/dança não deve ser vista como um fator que em nada contribui para a sociedade, pois ela é sem dúvida um ato criativo e expressivo do homem, que não pode ser compreendida apenas como um atrativo, mas como a interpretação da sociedade, seja de suas experiências, necessidades e/ou até mesmo seus sentimentos. Haja vista que,

[...] pela “linguagem do corpo”, a dança como instrumento físico ou como símbolo, permite exprimir sentimentos e pensamentos: os movimentos corporais se transformam em símbolos os membros da sociedade compreendem e cujo objetivo é o de representar as experiências do mundo exterior e psíquico. (ZEMP, 1998, p.32).

No que se refere aos momentos históricos percorridos pela sociedade, tanto no ensino em geral quanto no ensino da dança, fica claro que eles não se difundem, pois é preciso que a dança seja interpretada também de significados e regida por inúmeros contextos nos quais a sociedade se insere, para assim criar metodologias possíveis de ensino.

Ressalto que se o profissional não conseguir relacionar, criar algo a partir desse conhecimento, até mesmo com fins de socialização, não encontrará resposta para as indagações: Para quê ensinar? Quem ensinar? Como ensinar? Então, este docente acabará se tornando um “analfabeto funcional” e um educador trivial, por não se permitir saber o que rege o papel do professor. Discussão esta a ser tratada a seguir.

## 2.2 PROFESSOR: UM VÍNCULO COM A INSPIRAÇÃO

A função do professor é um vínculo com a inspiração, uma vez que o mesmo contribui para ajudar seus alunos a descobrirem seus talentos, disponibiliza seu tempo para escutar, apontar caminhos, corrigir seus erros e possibilitar escolhas. O Professor é de grande importância para a sociedade, posto que seu papel de possibilitar o acesso ao conhecimento,

juntamente com a possibilidade de contribuir no processo de desenvolvimento crítico e humanização, instiga seu educando a ter uma visão mais crítica do que lhe cerca, além de apontar caminhos que o ajudem a aprender a respeitar as diferenças existentes no mundo. Assim, o professor é capaz de indicar alternativas que possibilitem a criticidade e a capacidade de se auto analisar e descobrir novas aprendizagens.

Um professor que se dedica ao seu papel de educar busca meios que favoreçam os seus alunos, colaborando para que estes possam resignificar conhecimentos e concepções a partir do que lhes fora ensinado. Acredito que seja necessário que este profissional esteja constantemente atento para as suas metodologias, a fim de que possa readaptá-las de forma que não sejam somente conteudistas, pois

O papel do educador de hoje vai muito além das obrigações pedagógicas em si. O educador dos novos tempos exerce uma influência muito mais ampla na formação de crianças e jovens: ele é agente de transformação, é maestro de ações construtivas para o desenvolvimento, é personagem ativo no processo de educar; exerce influência sobre o seguimento gradativo de tomada de consciência de seus alunos e incentiva sempre o movimento de construção do saber e da cidadania (NUNES, 2014, p. 17).

Neste contexto acredito que se dá a relação aluno-professor por meio do zelo, consciência, afeto, união, empatia, respeito, diálogo e relações de confiança, na qual “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. (FREIRE, 1996, p. 23). Aproximar-se do aluno, permiti-lo conhecer quem está ali lhe proporcionando novos conhecimentos são maneiras de mostrar ao educando que este docente está realmente ao seu lado preocupado em ensinar.

Segundo Fátima Dowbor, em seu livro “Quem educa marca o corpo do outro”,

A postura dialógica assumida pelo educador na relação com o educando possibilita que ambos se exercitem na construção de um vínculo pedagógico respeitoso e cria espaço para que cada um mostre o que realmente é. Tal vínculo possibilita ao educando mostrar suas fragilidades sem ter medo de que elas sejam utilizadas contra si. Possibilita ao educador o aprendizado de não fazer uso do poder que tem, de forma indevida, como instrumento de manipulação e opressão do outro (2007, p.74).

Estreitar relações é de suma importância para tal vínculo respeitoso. É importante, também, que o professor conheça seu aluno e até se coloque em seu lugar em alguns momentos, para que seja possível compreender a sua realidade de vida e diante desse aspecto dinamizar e inovar sua prática pedagógica, motivando ainda mais seu educando a aprender e

seguir adiante no seu processo de construção de conhecimento.

Lembro-me do filme “Ao Mestre com Carinho” que assisti no dia 13 de setembro de 2013, na disciplina “Escola, Dança e Educação”, ministrada pela professora Luiza Monteiro e este filme mostrava a vida de um professor chamado Mark Thackeray que era engenheiro, mas que ficou desempregado e que por esse motivo resolveu dar aulas em uma escola no bairro operário de East End em Londres. Nesta escola, Thackeray se deparou com uma classe de adolescentes indisciplinados que cursavam o último ano e que não queriam “nada com a vida”.

Só que o engenheiro, acostumado com hostilidades, enfrentou o desafio de ensinar os alunos mesmo com seus colegas professores não acreditando na possibilidade de qualquer êxito.

No contexto educacional retratado pela obra, percebi dois exemplos de professores: o autoritário e o libertador. O primeiro detinha “todo” conhecimento, mas não o compartilhava com seus discentes, uma vez que já estava cansado de lidar com uma turma extremamente indisciplinada, caracterizando-se assim como o professor autoritário. Este modelo de professor faz uso indevido do conhecimento que possui e

[...] tem como objetivo não permitir que o outro- neste caso, o educando- seja ele próprio, e para tal constrói um tipo de relação que impossibilita ao outro se diferenciar dele, mantendo-o numa dependência em relação à sua pessoa. Dessa forma, aquele que aprende com um modelo de educador autoritário não consegue sentir-se sujeito do próprio processo de aprendizagem e de construção de conhecimento (DOWBOR, 2007, p. 62).

Esse modelo de educador, o qual exerce uma educação mecânica, que considera o seu conhecimento adquirido ao longo dos tempos como verdade absoluta e que o transfere aos seus educandos sem reflexões críticas, infelizmente ainda existe. No entanto, não é o único modelo de educador, haja vista que não vem sendo tão aceito em muitos ambientes escolares e assim possibilitando outro modelo de professor, o libertador, o que “ousa assumir seu saber, não tem medo de dizer ao educando que sabe; faz uso do seu saber para que o educando possa saber mais; saber mais sobre si próprio, sobre as coisas e, sobretudo, saber como faz para aprender a saber” (DOWBOR, 2007, p. 67).

O modelo de professor libertador é o próprio exemplo do professor Thackeray do filme supracitado, o qual, mesmo com as dificuldades, ainda era esperançoso e acreditava que compartilhando seus conhecimentos, sabendo ouvir e falar havia possibilidades de sensibilizar seus alunos, pois tinha a convicção de que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar

possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p. 22).

Num todo, “Ao Mestre com Carinho” é muito sensibilizador e demonstra inúmeras aprendizagens acerca do papel do professor, as quais acredito serem de fundamental importância e que não se dissociam do profissional acadêmico. Diante desta perspectiva, foi possível enxergar o olhar sensível do professor para com seus alunos e destacar os seguintes aspectos. No contexto da relação docência e discência é preciso,

- Enfrentar desafios;
- Tentar superar as dificuldades;
- Saber lidar com os alunos em diversas situações;
- Ter calma, paciência;
- Ter alegria e esperança;
- Querer bem aos educandos;
- Ter disponibilidade para o diálogo;
- Correr riscos;
- Ter bom senso para agir com sensatez diante da realidade de alguns alunos que estão desacreditados de uma educação transformadora;
- Compreender a realidade dos seus educandos;
- Respeitar os saberes e os limites dos discentes;
- Ter humildade e tolerância;
- Ter generosidade;
- Socializar o conhecimento;
- Amar o que faz;
- Desenvolver metodologia diferenciada do “padrão”.

Sabemos que antigamente o professor “detinha” o conhecimento e o “repassava” para seu educando sem nenhuma análise crítica ou reflexiva. Tomando como base os aspectos citados acima em relação ao filme “Ao Mestre com Carinho” me pergunto: Qual o verdadeiro papel do professor?

Vejo a função do professor a partir de múltiplas atuações como sendo polivalente, professor esse que fala, ouve, se relaciona com o aluno e até com a própria família desse aluno. Acredito que educar não é uma troca de conhecimento, mas sim, uma partilha, onde um aprende com o outro e o educador não apenas transfere saberes, mas ajuda seu discente a

pensar, refletir e construir seus próprios fundamentos e pensamentos a partir da realidade vive.

Além disso, observo o aluno como sendo uma árvore, ou seja, se o educador (junt a família desse educando) souber cuidar dela, a mesma crescerá e dará bons frutos. E é tão satisfatório para um professor perceber que está fazendo diferença, no que tange a proporcionar melhorias na vida de um aluno. Ficamos encantados com a dádiva que é esta profissão, pois sem dúvida,

O educador, principalmente aquele que desenvolve um trabalho em conjunto com a família, tem o mérito de auxiliar a criança a olhar a si mesma com mais respeito e a ter da vida uma concepção mais promissora, e isso por si só já dá ao educador todo o louvor (NUNES, 2014, p.170).

Acredito que o professor seja sinônimo de semeador, mas semeador este que não age sozinho, e sim aquele que junto à família e demais pessoas importantes para o progresso do aluno, auxilia e interfere, de forma positiva no desenvolvimento do mesmo, possibilitando-o a ter escolhas e enxergar o mundo sob sua própria ótica. Pois, vale ressaltar que, o pensamento de que o professor por si só carrega em suas costas várias vocações: ora ele é educador ora ele é psicólogo ora ele é pai, mãe, tia e por aí vai, foi se modificando ao longo do tempo.

E a sociedade precisa compreender que ao professor foi delegado a função social de ser professor, e que por si só, já é uma tarefa árdua. Sendo assim, é cabível dizer, que essas outras funções supracitas precisam ser exercidas pelas pessoas que possuem cada um desses papéis.

Destaco que, um verdadeiro professor não enxerga sua profissão apenas como símbolo de estresse e nem se faz presente na escola apenas para cumprir horários e seu planejamento curricular, ele estabelece vínculos afetivos com seu aluno e busca meios de apontar os melhores caminhos a serem trilhados pelo mesmo. Entretanto, enxergo essa profissão como uma rosa, que além de suas pétalas carrega em si os espinhos, espinhos estes que podem ser referendados em muitos casos, como a falta de um ambiente digno de trabalho, a má remuneração trabalhista, a precariedade de algumas escolas, dentre outros aspectos.

Acredito que em meio aos percalços, ser professor é uma dádiva, mais ainda ao se tratar deste profissional que educa através das artes. E elucidado que é esta vocação que me inspira, que me move e aponta caminhos para minha prática pedagógica, a qual é outra façanha, outro desafio.

Para tanto, apresento a dança no contexto escolar como sendo uma área de

conhecimento que só tem a somar na educação dos alunos, visto que a mesma pode instigar o educando a aprender brincando e enxergar a realidade que lhe cerca de várias maneiras. Além disso, a dança pode proporcionar ao educador uma gama de conhecimentos a serem trabalhados nos ambientes escolares, dinamizando ainda mais a sua prática pedagógica.

Sem dúvida o ensino da dança só tem a engrandecer o fazer educacional na escola, pois tem como propósito uma educação de corpo inteiro no entrelaçamento da criatividade, expressão e comunicação. Mas esse diálogo será melhor abordado e com mais vigor na subseção seguinte.

### 2.3 ARTE/DANÇA E EDUCAÇÃO: A CONTRIBUIÇÃO DO ENSINO ARTE/DANÇA NO AMBIENTE ESCOLAR

Sabe-se que a Dança como um campo de conhecimento vem provocando discussões e reflexões em diversos âmbitos seja político, educacional e/ou social. Esses debates são gerados pelas reformulações legislativas que regem o sistema educacional brasileiro, visto que no ensino escolar a dança vem sendo desenvolvida dentro da disciplina Artes e/ou como atividade extracurricular, fazendo parte da disciplina de educação física e, infelizmente, ainda vista por muitas pessoas como o momento apenas de lazer dos alunos.

Por esse e outros motivos existe um grande empenho da comunidade da dança, ressaltando aqui a comunidade acadêmica dos cursos de formação em dança espalhados pelo Brasil, pela valorização e reconhecimento deste fazer enquanto conhecimento científico. Esta é uma questão que venho discutindo bem antes de começar a cursar o curso de Licenciatura em Dança e que só vem se intensificando ao longo do tempo.

Lembro-me do compartilhamento de experiências com a professora Ana Del Tabor<sup>9</sup>, no dia 01 de outubro de 2013, obtido na disciplina Escola, Dança e Educação, coordenada pela docente Luiza Monteiro. Foi um debate que gerou muitas indagações e esclarecimentos. Dialogamos sobre a inserção da Arte na Educação Básica como um todo, mas sempre especificando o viés Dança na escola.

Discutimos brevemente as diretrizes da lei 9.394/ 96, lei esta vista como as bases da organização do sistema educacional e que permeia caminhos para o ensino da arte nas escolas,

---

<sup>9</sup> Mestre em Educação pela Universidade da Amazônia (UNAMA), Especialista em Ensino Superior pela União das Escolas Superiores do Pará (UNESPA), Docente Adjunto III, da Universidade Federal do Pará (UFPA), Cursos de Licenciatura em Artes Visuais e Pedagogia. Licenciada em Educação Artística-Artes Plásticas pela Universidade Federal do Pará, membro associado da Federação de Arte Educadores do Brasil-FAEB e Representante da FAEB do Estado do Pará (2014 a 2016). (informações extraídas da Plataforma Lattes)

proporcionando desta forma

[...] um cenário propício para que a iniciativa de desenvolvimento e aprimoramento das práticas pedagógicas de ensino das artes dentro das escolas se fortalecesse. O ensino de Dança, mais especificamente, obteve sua validade de inserção no universo escolar em meados de 1997, ano no qual foi incluída nos PCNs e, segundo MARQUES, (2007, p. 15) “ganhou reconhecimento nacional como forma de conhecimento a ser trabalhado na escola” (SOUZA, 2010, p. 21).

Outro ponto ressaltado foi justamente os Parâmetros Curriculares Nacionais, haja vista que “[...] O documento de arte dos PCNs indica a necessidade de variação das formas artísticas ao longo da escolaridade, podendo ser trabalhados o teatro, as artes visuais, a dança e a música” (STRAZZACAPPA, 2006, p. 33), o que realça a contenda dos professores de dança, já que a luta não é apenas por um espaço profissional, mas sim por uma sociedade melhor. E até 2016, a dança em alguns ambientes escolares era mais evidenciada nas comemorações cívicas do calendário escolar, e quando aparecia como atividade em si, às vezes, denominava-se apenas como disciplina optativa de caráter extracurricular. No entanto, legalmente falando, já avançamos significadamente. Pois,

Foi publicada [...] a Lei 13.278/2016, que inclui as artes visuais, a dança, a música e o teatro nos currículos dos diversos níveis da educação básica. A nova lei altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB — Lei 9.394/1996) estabelecendo prazo de cinco anos para que os sistemas de ensino promovam a formação de professores para implantar esses componentes curriculares no ensino infantil, fundamental e médio (BRASIL, 2016).

Sendo assim, o ensino da dança começa a ter mais destaque no âmbito educacional, entretanto, ressalto que ainda há uma carência na sistematização dos conteúdos a serem trabalhados no ambiente escolar. E diante desse déficit, concordo com Del Tabor, sobre o que a mesma enfatizou ainda em 2013, de que o planejamento das ações educativas em arte é um dos assuntos recorrentes, o qual vem sendo discutido no processo de formação, mas para que isso aconteça de forma gradativa, disse que é preciso planejar para que professores de Arte/Dança não sejam títeres sem metas, sem objetivo, sem confiança, sem autoestima, sem função profissional definida no universo global da educação.

Para tanto, elucidado a importância da arte/dança tanto quanto as outras disciplinas escolares, uma vez que a mesma auxilia o aluno a socializar o conhecimento, ter disponibilidade para o diálogo, compreender a realidade, saber lidar com as pessoas em

diversas situações e é claro, ter alegria e esperança. E não é à toa, que a lei 13.278 (de 2 de maio de 2016) e a lei 13.415 (esta sendo mais recente, de 16 de fevereiro de 2017) tornam público a obrigatoriedade desta área de conhecimento nas escolas.

Assim, tais aspectos me induzem a acreditar que a Dança possui conteúdos múltiplos para se trabalhar nas escolas de acordo com as possibilidades e necessidades dos educandos e que por sua vez são conteúdos que não seguem apenas isolados e sim com propostas que podem se articular, também, às outras disciplinas do currículo escolar, visando o melhor aprendizado do aluno e desenvolvendo cada vez mais o senso crítico do mesmo.

Tal articulação proporciona ao educador uma grande satisfação em educar por meio da arte/ dança, visto que a dança enquanto arte transcende os campos da etnocologia, do etnológico, do antropológico, do pedagógico, entre outros olhares epistemológicos, uma vez que a mesma permite ao homem o exercício da sensibilidade, criatividade, ludicidade e liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais. Nesta perspectiva, Arruda aponta que:

A arte do movimento, além de desenvolver as formas individuais e coletivas de expressão, de criatividade, de espontaneidade, concentração, autodisciplina, promove uma completa interação do indivíduo e um melhor relacionamento entre os homens. (1988, p.15)

Percebe-se que a dança não é apenas uma forma de lazer, ao contrário, ela possui como proposta a contribuição no aprimoramento de habilidades básicas, no desenvolvimento das potencialidades humanas, nos padrões fundamentais do movimento e a possibilidade de favorecer o processo de construção do conhecimento. Diante disso, enfatizo que:

A escola necessita fomentar e deixar extravasar os sentimentos dos alunos e alunas por meio de outras formas menos livrescas e mais verdadeiras. Pensamos que a educação pela arte e pelo movimento facilitará o desenvolvimento dos indivíduos por meio da criatividade e da expressão pessoal (VARGAS, 2007, p. 39).

A escola é um dos lugares que possui maior responsabilidade com a formação cidadã, uma vez que necessita organizar seu trabalho pedagógico com bases sólidas. Nessa perspectiva é fundamental que os profissionais nela inseridos assumam suas responsabilidades, reelaborando e aperfeiçoando conceitos e metodologias, para assim instigar a formação de indivíduos reflexivos.

Para tanto, este profissional da dança, enquanto fomentador de ideias e cidadãos críticos deve procurar analisar e compreender como abordar em sala os seus alunos, os quais são oriundos de várias famílias que conseqüentemente se diferenciam culturalmente.

Sendo assim, o ensino da dança possibilita um contato com questões sociais e culturais do educando ao usar esse canal de comunicação, o qual é um campo de estudo que visa enxergar as diferenças entre as sociedades através de toda vida social e relação entre pessoas e expressões de cada grupo. E no que tange a comunidade escolar, a dança aborda não apenas questões práticas, mas também um amplo conhecimento teórico do corpo no que diz respeito a fatores biopsicossociais, ou seja, esse corpo que se movimenta, interage e que pensa. Atuando assim, com particularidades bastante complexas na questão do ensino e aprendizagem que permeiam outros campos como o da arte, saúde e educação, entre outros, com os quais pode tecer diálogos para o desenvolvimento humano em sociedade. Pois,

A linguagem da dança é uma área privilegiada para que possamos trabalhar, discutir e problematizar a pluralidade cultural em nossa sociedade. Em primeiro lugar, o corpo em si já é expressão da pluralidade. Tanto os diferentes biótipos encontrados hoje no Brasil quanto à maneira com que esses corpos se movimentam, tornam evidentes aspectos sócio-político-culturais nos processos de criação em dança (MARQUES, 2007, p.37).

Esta primeira seção esteve pautada no entrelaço dos sujeitos do ambiente escolar e a contribuição do ensino da arte/dança, enfatizando que o professor precisa estar aberto às novas possibilidades, diálogo entre os sujeitos participantes (professores e alunos), se dispor a criar estratégias metodológicas que não padronizem seus alunos a técnicas pré-estabelecidas, haja vista que a dança como componente curricular não quer formar bailarinos, mas sim mostrar possibilidades de aprender e os diversos conteúdos que essa linguagem proporciona.

Sabe-se que em decorrência de muito afincamento o contexto da dança já mudou significativamente em relação a anos anteriores, principalmente no que diz respeito à inserção do profissional de dança em alguns colégios públicos e privados.

Então, para fazer valer esse processo pedagógico, é importante que os profissionais dessa área utilizem também como subsídios o conhecimento sobre as leis e os PCNs referendados nesta subseção, na tentativa de desenvolver um bom trabalho, mostrando que dança não tem como finalidade propor modismos, mas sim uma educação diferenciada, através da percepção, da emoção, da socialização, propondo uma educação de corpo inteiro, para que se possa superar a visão dualista cartesiana e incrementar a educação escolar com o desenvolvimento das habilidades motoras junto à experiência, e medrar a personalidade do aluno de acordo com suas vivências e significações simbólicas que lhe cercam.

Na seção seguinte será proposta uma reflexão sobre as questões do aluno no contexto escolar e sua ambiência lúdica como fonte metodológica para esta pesquisa.

### 3 ESCOLA ESTRADA NOVA: UM COTIDIANO CRIATIVO

Figura 2- Recreio da escola Estrada Nova



Fonte: Arquivo Pessoal, Luana Gomes, 2017

#### 3. 1. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA ESTRADA NOVA

Sou residente do bairro Pratinha II, em Belém do Pará, há 22 anos e percebo nesse espaço uma carência muito forte de um ensino articulado à arte, mais especificamente à dança. Por tal motivo, sabendo que esta área de conhecimento é sensibilizadora e transformadora sempre quis envolver a mesma nesse ambiente.

Infelizmente, o bairro ainda é pouco desenvolvido e a incidência de violência de diversas naturezas (assalto, estupro, etc.) é muito grande. A maioria das ruas não possui saneamento básico e tantas outras se encontram cobertas por mato. A maioria dos moradores desse ambiente são pessoas de baixo poder aquisitivo e tristemente enxergamos muitas crianças se desvirtuando a cada dia que passa.

Quando fui aprovada no curso de Licenciatura em Dança, comecei logo de imediato a pensar em estratégias transformadoras por meio da dança para a comunidade local. Para tanto, e consciente de que não poderia atender a todos de uma única vez, propus-me a desenvolver minha pesquisa de monografia em um espaço escolar que é ainda mais desprovido das artes, haja vista que os turnos da manhã e tarde desta escola não possuem a disciplina Arte em seu currículo escolar.

Assim, escolhi uma escola no mesmo bairro que moro, a escola Estrada Nova, localizada na rodovia Arthur Bernardes, passagem John Engelhard, em Belém do Pará.

Não se sabe ao certo quantos anos a escola possui, mas sabe-se que é uma das pioneiras da Pratinha. Antes de ser nomeada assim, a mesma se chamava República da Venezuela, posto que na época em que foi criada a área era muito precária e a única escola para a qual os alunos do bairro se deslocavam era para a escola Eunice Weaver. Diante desta problemática, os moradores do bairro se reuniram e então criaram a escola.

Para dar mais embasamento às questões sobre o lócus desta pesquisa, entrevistei a diretora e as coordenadoras dos turnos manhã e tarde nos dias 13 de fevereiro e 09 de março de 2017, à tarde. As entrevistas cedidas foram gravadas e duraram em torno de uma hora.

Segundo a diretora da escola, Ângela Soares, a Pratinha ainda era coberta por muito mato e o que mais incomodava os moradores era as crianças terem que se deslocar para um lado e outro correndo vários riscos, pois nesse momento além de não ter escola, não tinha centro de saúde e nem policiamento. Assim, os moradores começaram a se reunir e criaram uma comunidade na qual os membros fizeram uma coleta e conseguiram comprar um pedaço de terreno. O avô da senhora Tatilene Santos (secretaria da escola), chamado Raimundo Nonato da Silva, também doou uma parte de seu terreno para assim construírem a escola.

Além dessas cooperações, um determinado engenheiro também doou um significativo terreno para que a escola pudesse ser mais ampla, entretanto, de acordo com o marido da diretora, este engenheiro faleceu antes da ampliação da escola, e infelizmente, a esposa dele tomou posse do lugar, haja vista que a doação não foi registrada documentalmente. Mas isso não impediu o desenvolvimento da escola.

Figura 03- Grupo Escolar República da Venezuela



Fonte: Histórico da escola Estrada Nova, 1976

Antes de se chamar pelo atual nome, a escola era denominada Centro Comunitário, depois Centro Comunitário Estrada Nova e agora, na gestão atual, foi levado para o estado e nomeada Escola Estadual de Ensino Fundamental Estrada Nova.

De acordo com a Sra. Ângela, a escola recebeu esse nome porque houve um período no qual não havia separação de ruas, existia apenas esta, onde se localiza o estabelecimento de ensino, e por isso, alguém intitulou a própria rua como Estrada Nova fazendo associação à escola.

O espaço educativo iniciou com poucos alunos e ao longo dos anos foi florescendo cada vez mais e hoje a escola possui quase mil alunos, distribuídos em três turnos. Segundo a coordenadora pedagógica, a senhora Socorro Lourinho, do turno manhã, a instituição oferta durante a manhã as séries do 1º ao 5º ano, pela tarde apenas do 3º ao 5º ano e à noite o EJA<sup>10</sup> a partir da 2ª etapa. Vale ressaltar que na escola também funciona o projeto Mundiari, o qual visa amenizar a distorção idade-série na tentativa de

prevenir a evasão escolar e corrigir o descompasso idade-ano de alunos em defasagem de pelo menos dois anos, a partir dos 13 no Ensino Fundamental, e dos 17 no Médio. Na avaliação da coordenadora da Seduc, a resposta dos gestores e professores ao Projeto Mundiari tem sido muito positiva, pois além de saberem que a distorção idade-ano conduz à redução da nota do IDEB nas escolas, eles também estão ansiosos em participar mais efetivamente do programa (PARÁ, 2017).

Diante desta perspectiva, a escola dispõe de uma sala com mecanismos tecnológicos como a utilização de aulas através de DVD, objetivando um ensino mais dinâmico para que os alunos se sintam motivados a estarem neste ambiente. Desta forma,

A técnica da Seduc, Crisley Cabral, explica que um dos pontos principais do projeto é fazer com que o aluno seja atraído para dentro da sala de aula. “O atrativo tem que ser também para o professor. O projeto também traz a oportunidade de um recurso tecnológico dentro da sala de aula”, conta Crisley (G1 PARÁ, 2015)

A escola Estrada Nova disponibiliza uma turma no período da manhã com no máximo 30 alunos, visando dar acesso à educação, também, para alunos que se encontram frente a tal situação.

---

<sup>10</sup> A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino que nasceu da clara necessidade de oferecer uma melhor chance para pessoas que, por qualquer motivo, não concluíram o ensino fundamental e/ou médio na idade apropriada. Surge como uma ação de estímulo aos jovens e adultos, proporcionando seu regresso à sala de aula. Esta modalidade respeita às características desse alunado, dando oportunidades educacionais adequadas em relação a seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames próprios. Disponível em: <http://ejabrasil.com.br>>

Quanto ao seu Projeto Político Pedagógico, a cada ano ele vai sendo adaptado e de acordo com a coordenadora, a senhora Alziana Pantoja, a escola toma como exigência a participação da comunidade diante dessas reformulações para que a comunidade em si (seja pais, alunos, moradores do bairro) saiba o que se trata nesse PPP, o que a escola visa como finalidade e para que possa também contribuir nesse fazer.

Entretanto, sabe-se que muitos pais ainda se fazem ausentes na educação de seus filhos, porém, a escola tenta abraçar a comunidade local da melhor forma possível para um processo educativo que envolva não somente os alunos e professores, mas também, as famílias desses alunos e comunidade escolar.

O que me fez ficar ainda mais satisfeita em desenvolver minha pesquisa nesse ambiente, foi saber que temos afinidades no que tange à educação, a exemplo de perceber a importância do envolvimento da comunidade para a criação de um Projeto Político Pedagógico e a preocupação em desenvolver um ensino de qualidade, mesmo em uma área carente e de risco. Assim, na subseção seguinte, a discussão se desenvolverá a partir dos corpos dos alunos que interagem nesse ambiente escolar.

### 3.2. CORPO NA ESCOLA: O ALUNO E SEU REPERTÓRIO AFETIVO CULTURAL

Como caminho introdutório e explicativo, faço aqui, primeiramente, uma abordagem sobre o que vem a ser cultura, haja vista que ao analisar o ambiente escolar, mais especificamente a escola Estrada Nova, a qual é o lócus deste TCC, vejo o corpo do aluno interligado não apenas ao que a sociedade em si influencia, mas também conectado ao seu próprio repertório afetivo cultural, repertório este que se refere às experiências vivenciadas e as diversas maneiras de comunicabilidade utilizadas por esse educando tanto dentro quanto fora da escola. Além disso, suas interações para com o meio que lhe cerca, por várias vezes acontecem de forma afetuosa, pois esse educando é um ser afetivo/ sensível, mesmo “que em diferentes graus ou talvez em áreas sensíveis diferentes, todo ser humano que nasce, nasce com um potencial de sensibilidade” (OSTROWER, 1987, p. 12).

E diante dessa perspectiva, percebo que o aluno antes de adentrar no ambiente escolar já traz consigo signos que ele adquiriu ao longo do tempo, sejam com sua família, colegas ou local onde mora, pois esses aspectos também fazem parte de sua cultura. Sendo assim,

O homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de significado (GEERTZ, p. 4, 1989).

Interpreto, então, a cultura como sendo as próprias ações do homem que se fazem presentes em seu cotidiano, bem como sua vestimenta, músicas, locais e signos culturais. Assim, retrato a cultura como uma grande influenciadora que possui um papel determinante em nossos comportamentos, uma vez que o nosso corpo também é reflexo da mesma. No que se refere à cultura escolar, percebo uma gama de significados, às vezes, regidos por várias exigências, bem como o uniforme, a forma de se colocar as cadeiras na sala, os horários articulados para estudar, merendar, dentre outros aspectos. Neste sentido,

[...] é inevitável o papel da escola para uma criança na sua formação. Mas vale ressaltar que cada indivíduo vem como uma formação já pré constituída de sua cultura, família, meio social e cabe a instituição escolar não desprezar, mais trazer esta rica experiência para seu cotidiano escolar (GERALDO, 2009, p.9).

Corroborando ao exposto aponto ao fato de que algumas escolas ainda estabelecem um ensino no qual o aluno precisa conter sua expressividade e obedecer a determinadas regras que a própria escola enxerga como sendo importantes para o futuro da criança. Aprender, aprender e aprender a cada dia a ler, fazer cálculos, em alguns casos é o lema principal. Não que isso não seja importante, o incômodo é a maneira pela qual os alunos aprendem. Pois,

Ao mesmo tempo em que a sociedade busca um aluno pronto para o trabalho e reproduz essa pressão a escola, esta acaba por tentar produzir este aluno apto a este processo, contribuindo apenas na perspectiva capitalista e não de individualidade de cada ser humano constituinte desta (GERALDO, 2009, p. 13).

Diante desta realidade, questiono: essa cultura escolar já estabelecida muito antes de termos nascido, nos permite caminhar livremente, nos proporcionando um “ar de liberdade”? Infelizmente nem sempre isso nos é proporcionado, haja vista que

[...] visando garantir uma atmosfera de ordem e de harmonia, algumas práticas educativas procurem simplesmente suprimir o movimento, impondo às crianças de diferentes idades rígidas restrições posturais. Isso se traduz, por exemplo, na imposição de longos momentos de espera- em fila ou sentada- em que a criança deve ficar quieta, sem se mover; ou na realização de atividades mais sistematizadas, como de desenho, escrita ou leitura, em que qualquer deslocamento, gesto ou mudança de posição pode ser visto como desordem ou indisciplina (BRASIL, 1998, p.17).

Sem dúvida a cultura é a expressão da individualidade e da comunicabilidade do homem, mas onde podemos encontrar essa individualidade do aluno dentro da cultura escolar,

já que em muitos momentos esse corpo se apresenta reprimido? Acredito que algumas escolas ainda visam um processo de aprendizagem somente pelo meio da razão, mantendo os alunos em sala de aula quase que estáticos, contendo seu tempo e corpo, principalmente quando se trata de uma escola pública, na qual existem mais de 40 alunos e o educador (se é que podemos chamar dessa forma) prefere educar através do “controlar o educando”, imaginando que seja uma excelente estratégia para conseguir ministrar sua aula. Diante disso, tristemente, enxergamos

[...] o desenvolvimento de uma atitude de passividade nas crianças como para a instalação de um clima de hostilidade, em que o professor tenta, a todo custo, conter e controlar as manifestações infantis. No caso em que crianças, apesar das restrições, mantêm o vigor de sua gestualidade, podem ser frequentes situações em que elas percam completamente o controle sobre o corpo, devido ao cansaço provocado pelo esforço de contenção que lhes é exigido (BRASIL, 1998, p.17).

Esta é uma dura realidade, posto que o aluno possui um repertório afetivo cultural muito vasto e acaba por não fazer uso de tudo (pelo menos a maioria de seus conhecimentos) que possui, devido às imposições que lhe são atribuídas. Então, o que fazer diante desta realidade?

Uma resposta possível é: acreditando nos desejos das crianças, apostando em sua capacidade de escolha, possibilitando contato permanente com o mundo natural, brincadeiras, livre movimento do corpo. Entretanto, é evidente a distância da realidade escolar em relação a esta crença e a este movimento a favor do prazer, da potência [...] (TIRIBA, 2008, p. 5).

Ainda há esperanças, pois hoje em dia já conseguimos perceber em alguns ambientes escolares esse aluno que tem mais liberdade para se expressar diante da realidade de uma escola que se preocupa em oferecer uma educação de corpo inteiro e,

Vemos, então, que o desafio da escola e do professor consiste em refletir sobre as relações que se estabelecem, em seu cotidiano, entre a expressão de cada um, seu movimento e seu corpo. Garantir que a disciplina não seja um sinônimo de imobilidade corporal, mas, sim, seja fruto de uma construção coletiva, é tarefa desejável. Neste sentido, o papel da escola é promover mudanças em uma sociedade heterogênea, é a “busca de qualidade de vida para todos, justiça social e que promova a convivência entre as diferenças, que respeite as expressões culturais de cada grupo social e, neste caso, o corpo necessita de ser ‘libertado’ para que as pessoas possam desenvolver os seus potenciais, as suas compreensões de mundo” (Santoro, 2005 *apud* GERALDO 2009, p. 16).

Lógico que nos regulamentos e atitudes da escola essa mudança se dá paulatinamente, e o professor, como tarefa, precisa acompanhar as mudanças e as aproveitar para tornar sua prática pedagógica mais estimulante, para assim ter um melhor aproveitamento dentro de suas aulas tanto para si quanto para seu aluno. Mas é claro que,

Para assumir esta tarefa – de abrir a escola para a expressão do corpo – é importante que professor de sala de aula estimule as crianças a descobrirem os espaços que a escola proporciona, não restringindo seu uso aos momentos de recreio. O pátio, a própria sala e os demais espaços podem e devem ser explorados para brincadeiras, jogos e até mesmo para propostas de pesquisa e estudo, relacionando conteúdos das diversas disciplinas por meio das atividades corporais. Desta forma, o professor estará contribuindo para ultrapassar os obstáculos que a escola reproduz em seu meio e ensinar também pelos gestos, pelas músicas, pelo corpo. Conhecer os gestos e as expressões corporais de cada criança é uma forma de conhecê-la integralmente, estreitando nossos laços com ela e ampliando nossa possibilidade de comunicação e troca (TIRIBA, 2008, p.62, 63).

Para a criança o brincar é uma das formas de comunicação que a mesma possui como sendo de suma importância para o seu aprendizado, pois através do lúdico ela se expressa facilmente, reproduz o seu cotidiano, sua autonomia, enraizado pela afetividade cultural que lhe cerca, visto que “Brincando, a criança se desarma e dá asas à sua imaginação, traz à brincadeira elementos da vida real misturados aos da fantasia e os fundem num contexto onde quem tem o domínio é ela própria” (NUNES, 2009, p. 135).

Diante desta perspectiva, saber utilizar essa ferramenta como fonte de aprendizado para o aluno, é um grande ganho para o educador, pois é uma forma que não limita nem o educando nem o professor. Então, cabe ao profissional fazer uso também do que culturalmente a criança oferece, posto que ela traz consigo múltiplas maneiras de adquirir conhecimento e uma delas é exatamente o brincar, haja vista que para o aluno “A maioria dos jogos tem como objetivo o prazer e a descontração”. (Junior, 2005, *apud* ALVES: RODRIGUES; VIEIRA, 2013, p. 19).

Enfatizo esse viés lúdico por acreditar e perceber em minha pesquisa que esta, é sim, uma possibilidade verdadeira de explorar e desenvolver o conhecimento da criança, tanto dentro como fora da escola, simplesmente coletando dados das brincadeiras que mais gostam e que são bastante evidenciadas, principalmente no recreio, para assim extrair delas elementos fomentadores para o ensino da dança. Mas esta abordagem será melhor enfatizada na subseção adiante.

### 3.3. AMBIÊNCIA LÚDICA: O CENÁRIO DA GAROTADA

Com base na perspectiva do desenvolvimento e aprendizagem da criança por meio do brincar, enxergo a ambiência lúdica como o “cenário da garotada”, cenário este que se faz presente no cotidiano da criança e quando enfatizada no ambiente escolar, reverbera especificamente na hora do recreio, momento no qual o aluno se sente mais livre e se deleita no mundo que ao mesmo tempo é imaginário e real. Em outras palavras,

O recreio é portanto o uso do tempo que se considera como um “refresco” terapêutico do corpo e da mente. O recreio implica uma participação activa por parte do sujeito, ao contrário do ócio que envolve, por norma, o descanso ou outra forma de entretenimento mais descontraída (CONCEITO.DE, 2017).

Quando analisado o contexto escolar, o recreio é também uma forma de manifestação cultural do educando. E por tal motivo, enfatizo-o como sendo o foco principal de onde surgiram todos os desdobramentos deste trabalho, haja vista que a ambiência lúdica (seja os jogos, brincadeiras) que encontrei ao observar este momento foi de suma importância para o desenvolvimento de toda a pesquisa deste TCC. Destaco ainda, que foi no recreio das crianças da escola Estrada Nova que pude coletar os dados necessários para evidenciar o aprender dança de forma lúdica neste espaço e no decorrer dos laboratórios experimentados a partir da gama de conhecimento que o aluno apresenta.

A primeira etapa se desenvolveu de maneira bem sigilosa. Em conversa com a direção da escola, propus-me a observar apenas o recreio (de todas as turmas do turno da manhã) e não falar para os alunos o motivo de minha presença naquele espaço.

Saiam para o recreio sempre de duas em duas turmas, pois o espaço era pequeno e não comportava todos os educandos em um mesmo horário. Então, a cada duas turmas que saía para o recreio era estipulada a elas 15 minutos, totalizando assim, 1 hora de intervalo no turno da manhã.

As crianças brincavam, mas sempre chegavam até a mim perguntando: “Tia, a senhora é da vacina?” “A senhora é da dengue?” “Por que a senhora tá aí?” “O que a senhora está escrevendo? Posso ver?”.

Eram sempre as mesmas indagações, mas o mais difícil nesse primeiro momento foi fotografar e filmar este momento lúdico dos educandos, pois registrei tudo às escondidas, com muito cuidado para que eles não percebessem, para que não se influenciassem em frente à

câmera e perdessem a espontaneidade presente em suas ações no recreio. Assim, me organizei para reunir todo material possível de forma natural.

Ao longo da etapa de observação percebi a importância dos alunos agirem naturalmente no seu momento de vivacidade agente, mostrando o que mais eles possuíam de ambiência lúdica neste momento no espaço escolar, que mesmo pequeno e totalmente aberto, não era um problema para eles.

Durante todo o período de observação, percebi que mesmo durante o recreio eram presentes falas que tentavam limitar um pouco os alunos, bem como: “não é para ficar correndo”; “sai desse sol menino”; “não pode ficar no corredor brincando”, mas eram falas (da senhora que ficava frente à organização dos alunos desde a hora da entrada até a saída, pela parte da manhã) que não impediam esses corpos de aproveitarem da melhor maneira possível esse momento que eles esperam tanto, logo após que a segunda campata toca.

Os alunos continuavam a brincar de correr, de lutar, de pira- pega, empurra- empurra, era um verdadeiro mix de emoções. Era muito lindo de se ver e engraçado também, pois às vezes eles caíam, se machucavam, sujavam todo o uniforme, mas tudo isso para eles é tão vivido e alegre que eles nem se importavam e continuam a aproveitar esse curto momento. A seguir, enfatizarei alguns momentos da coleta de dados evidenciadas no recreio.

Figura 04- Pega- pega



Fonte: Arquivo Pessoal, Luana Gomes, 2017

Recordo que no dia 18 de outubro de 2016, por conta da vacinação, algumas turmas foram liberadas mais cedo, mas as que ficaram ainda tiveram o momento para o intervalo e estas aproveitaram para brincar de Pega- pega que

É um pegador, ou seja, uma criança contra um grupo de fugitivos. Existem muitas variações:

- Agarra- agarra: agarrar o fugitivo, que passa a auxiliar o pegador.
- Relá- relá: o pegador corre cantando: “Limão galego, relou tá pego”.
- Trepá- trepá: o pique é subir em algum objeto.
- Ajoelha- ajoelha: o pique é ficar ajoelhado.
- Abaixa- levanta: correr ficando livre quando abaixa.
- Abaixa- abaixa: idem ao abaixa- levanta.
- Pega- pega aos pares: o pegador sai em perseguição dos pares a fim de segurar um jogador que passa a ser seu par (FRIEDMANN, 2004, p. 60).

Nas observações ficava nítido que a criançada gosta muito de brincadeiras que os façam correr, perseguir um ao outro. A preferência é realmente por

[...] jogos de agilidade, rapidez e grande desempenho físico, que requerem amplos espaços e liberdade de movimentos. O objetivo maior a ser alcançado é o de perseguir os adversários. Seja em equipe ou não, sempre há situações de oposição nas quais as crianças assumem diversos papéis. O respeito à regra é básico para o desenvolvimento do jogo. São jogos que não requerem materiais, eventualmente uma bola, e não tem músicas ou verbalização (FRIEDMANN, 2004, p.23).

No dia 20 de outubro de 2016 estavam limpando o espaço do recreio das crianças e as mesmas procuraram outro ambiente para desfrutarem o recreio, mas sempre dando uma “escapadinha” para o espaço onde mais tinham liberdade corporal.

Figura 05- Corredor



Fonte: Arquivo Pessoal, Luana Gomes, 2017

Figura 06- Brincando entre as “coisas”



Fonte: Arquivo Pessoal, Luana Gomes, 2017

Este dia foi bastante conturbado, pois as crianças precisavam ficar no corredor durante o recreio, já que o espaço reservado a elas naquele momento estava cheio de bugigangas e havia pessoas organizando aquele espaço. Entretanto, os alunos fizeram desses empecilhos mais uma maneira de brincar. Passavam entre as “coisas” que ali estavam como uma forma de divertimento.

Os educandos carregavam um ao outro, e as brincadeiras mais enfatizadas neste dia foram empurra- empurra, pega- pega, de luta (um dando soco no outro), polícia e ladrão, jogo no qual, [...] ”Um grupo é polícia e o outro é ladrão. Os ladrões se escondem e a polícia tem que capturá- lós. Ao conseguir, estes vão para a cadeia, vigiada por dois policiais, e de lá não podem fugir.” (FRIEDMANN, 2004, p. 60). Além disso, observei também que eles adoravam carregar os colegas.

Já o dia 01 de novembro de 2016 estava tão calmo, que chegava parecer triste. Constatei, então, que as crianças aprontaram algo, pois escutava as professoras conversando seriamente com os alunos, além da diretora que entrava constantemente na sala. O recreio desse dia se resumiu apenas no momento dedicado a pegar seu lanche. Foi o dia do silêncio.

Não houve jogos, brincadeiras e nem conversas paralelas, apenas o momento de merendar e voltar para a sala de aula.

Estas situações me fazem acreditar que como o recreio é o único momento em que as crianças se libertam e possuem escolhas (seja para brincar, conversar, ficar quieto, lanchar) se elas “aprontam”, como castigo retira-se delas esse direito, para que as mesmas possam refletir sobre o que fizeram, e se comportarem para terem de volta seu momento mágico.

Esse é o único momento que as crianças têm para liberarem toda essa energia e magia que os consomem por dentro durante a longa jornada escolar. Mas este foi o único dia que presenciei tal situação na escola Estrada Nova, os demais eram sempre alegres e recheados de magias encontradas nas crianças.

A garotada da escola era sempre contente e gentil e possuía atos muito encantadores. Digo isso porque houve um dia que mais me encantei: a data 03 de novembro de 2016 foi marcante, pois enquanto deslumbrantemente algumas crianças brincavam de pega- pega,

Figura 07 - O dia do silêncio



Fonte: Arquivo Pessoal, Luana Gomes, 2017

estátua, de luta, polícia e ladrão, uma aluna teve um ato tão singelo para comigo, ela me viu sentada em um palanque da escola próximo ao bebedouro e chegou perto de mim com uma cadeira, colocou no chão e disse: “olha, tia, tá aqui para a senhora sentar”. Fiquei boba com aquela atitude dela. O que me leva a ter mais certeza de que minha pesquisa, metodologicamente, está imersa na cartografia, haja vista que

[...] Cartografar é mergulharmos nos afetos que permeiam os contextos e as relações que pretendemos conhecer, permitindo ao pesquisador também se inserir na pesquisa e comprometer-se com o objeto pesquisado, para fazer um traçado singular do que se propõe a estudar. Nesse sentido, a cartografia tem como eixo de sustentação do trabalho metodológico a invenção e a implicação do pesquisador, uma vez que ela baseia-se no pressuposto de que o conhecimento é processual e inseparável do próprio movimento da vida e dos afetos que a acompanham (Rolnik, 1989 *apud* ROMAGNOLI, 2009, p. 171).

Após várias observações do recreio, optei trabalhar as demais etapas deste estudo com a turma do 3º ano do turno manhã sob a supervisão da professora Luzia Souza. Ressalto que, que o vínculo com essa turma se tornou ainda mais afetivo, pois nesta sala havia duas meninas, que inclusive, são minhas alunas nas aulas de Dança Moderna nos projetos sociais Ação Social Comunidade Amiga (ASCA) e Projeto Esportivo na Comunidade (PEC), projetos estes que são dois em um, presentes no bairro Pratinha com a finalidade de oferecer atividades socioeducativas gratuitas à comunidade.

Como segunda etapa, realizei uma roda de conversa no dia 14 de fevereiro de 2017 com os alunos. Com permissão e ajuda da professora da turma, afastei as cadeiras e fiz um círculo com os educandos, na qual revelei o motivo de minha presença na escola. Disse a eles que estava ali para aplicar alguns laboratórios de dança a partir do que havia os visto realizar no recreio. A alegria da maioria foi estupenda, mas alguns meninos da turma não gostaram muito da ideia, disseram logo que não sabiam dançar e que isso não era para meninos. Foi então que comecei a indagar: vocês gostam do recreio? O que ele representa para vocês? Quais são as brincadeiras que vocês mais gostam de brincar no recreio?

E a partir das respostas da maioria, de que gostavam do recreio, que o recreio era diversão, brincadeiras, e as favoritas eram pular corda, cabo de guerra, polícia e ladrão, pega-pega, dentre outras, expliquei que íamos dançar brincando e que eles iriam gostar, mas que precisavam prestar atenção e se comportarem para poder dar certo.

Após dialogamos a respeito do recreio dei para cada um uma folha de papel A4 para que desenhassem as brincadeiras que mais gostavam de brincar no intervalo (escritos e

desenhos presentes nos anexos deste TCC). Foram várias as brincadeiras relatadas. Quanto à significação do recreio, este resumiu-se no ato de brincar. Foi o que mais as crianças falaram: “tia, o recreio pra mim é brincar, ora”.

Os relatos foram muito importantes para a pesquisa, pois foi um dos momentos que considerei mais propícios para a elaboração dos laboratórios de dança que seriam aplicados posteriormente.

Figura 08 - Roda de conversa



Fonte: Arquivo Pessoal, Luana Gomes, 2017

Sem dúvida essa pesquisa teve como base não somente os resultados finais a serem expostos, mas também todos os processos pelo qual precisei passar, a exemplo das duas primeiras etapas que aqui enfatizo, e nas quais tive como intuito primeiro verificar e analisar atentamente o lúdico que se faz presente na escola Estrada Nova, o qual

[...] significa “*brincar*” e neste ato apresentam-se as brincadeiras, os brinquedos e os jogos. É algo que faz parte da natureza humana, que não tem hora para acontecer ou hora para acabar, e nem local específico; pode ocorrer em qualquer lugar, sendo um exercício profundo de prazer. O lúdico faz parte do exercício de se (re) construir (ANDRADE, 2013, p. 18).

Diante disso, acredito que o lúdico é uma forma de atrativo e construção de conhecimento para a criança, pois é perceptível na garotada uma atividade motora muito intensa e criativa através das próprias brincadeiras. E que ao tecer diálogo com a dança,

[...] a utilização do jogo, brinquedos e brincadeiras potencializa a exploração e a construção do conhecimento, bem como possibilita a aproximação do sujeito ao conteúdo científico, por meio da linguagem, informações,

significados culturais, compreensão de regras, imitação, contribuindo assim para a construção de conhecimentos mais elaborados e para o desenvolvimento da criatividade, espontaneidade e autonomia na infância. É o que esse trabalho se propõe a realizar, debruçando-se sobre o tema das inaceitáveis distâncias que ainda hoje separam o processo de ensino-aprendizagem e jogo, brinquedos e brincadeiras da vida escolar [...] (SANTOS, 2012, p. 18)

Sendo assim, a partir das duas etapas que elucidaram estes primeiros momentos, a observação do recreio das crianças e o momento inicial de conversa, dos quais pude coletar via observação, anotações das vivências sobre o que o recreio representava para elas e o que mais elas gostavam de fazer nesse momento, desenvolvi como terceira e última etapa, juntamente com a ambiência lúdica que os alunos da escola Estrada Nova possui, alguns laboratórios como proposta para o ensino da dança.

Os laboratórios de dança serão apresentados na íntegra na subseção a seguir.

## 4 A DANÇA SECRETA DO RECREIO

### 4.1. VIDA DE CRIANÇA: LABORATÓRIOS ELABORADOS PARA A APRENDIZAGEM EM DANÇA

Traçando conexões com a ambiência lúdica dos educandos e com a dança, detenho-me aqui a dar ênfase aos caminhos que me levaram a construir os sete laboratórios que serão aqui explicitados mais adiante. Acreditando que ao,

Aceitar um corpo lúdico, pensante e inteligente levar-nos-ia a repensar o nosso projeto antropológico. A superação do dualismo entre mente e corpo seria o primeiro passo. O segundo seria aceitar a corporeidade como a realidade primordial do homem. (SANTIN, 2005, p. 313).

Com base no pensamento de uma educação de corpo inteiro, propus-me a elaborar e aplicar alguns laboratórios de dança, junto ao viés lúdico, na tentativa de mostrar ao leitor que é possível ensinarmos dança sem a necessidade de padronizar o corpo do aluno a um gênero de dança específico. E para que isso se concretizasse, analisei algumas brincadeiras dos alunos. Ressalto que, mais adiante, essas brincadeiras serão desenvolvidas melhor nos laboratórios.

Mas faço aqui um breve resumo delas: em escravo de Jó, os alunos sentam em círculo, cada um com um objeto na mão, o qual vai passando de um integrante para o outro, seguindo o ritmo e os comandos existentes na própria música “Escravos de Jó”; na brincadeira chicotinho queimado, em pé, os educandos formam uma roda e dentro dela fica apenas uma pessoa que vai passando a corda no chão próximo aos pés das crianças que estão ao seu redor, para que estas possam pular e não deixar serem tocadas pela corda; na estátua a criança escolhe uma pessoa para ser a “mãe” (o comando de voz) enquanto as demais correm livremente pelo espaço até escutarem o comando ESTÁTUA, e quem não parar passa a ser a mãe; em polícia e ladrão, os alunos se dividem em dois grupos, sendo um polícia e outro ladrão, e quem for ladrão precisa correr para escapar da polícia; cabo de guerra é uma brincadeira bem simples, mas exige bastante força e agilidade, pois nela há dois grupos segurando cada um, uma ponta de uma única corda, sendo necessário puxar até o adversário passar da marcação estipulada e na brincadeira pular corda, as crianças podem brincar sozinhas, em dupla ou em grupo com apenas uma corda e utilizar várias músicas (cantadas por elas mesmas) para acompanhar o seu pular corda.

Para tanto, associei aos laboratórios de dança as brincadeiras supracitadas, observadas no recreio e nos escritos e desenhos (presentes no anexo desse TCC) dos alunos da escola

Estrada Nova, tecendo diálogo destas com as ações corporais básicas (expressões corporais as quais o ser humano se dispõe a cada dia) e os fatores do movimento (componentes identificados nas expressões corporais do homem) referentes ao estudo de Laban, o qual foi um grande pesquisador do movimento, criando análises criteriosas para as manifestações corporais, e proporcionando assim, uma melhor compreensão do movimento. No que se refere às ações corporais básicas, Laban ressalta oito, sendo elas: socar, talhar, pontuar, sacudir, pressionar, torcer, deslizar e flutuar, com algumas variações:

Figura 09 – Derivações de alguns movimentos corporais de acordo com o estudo de Laban

Socar	• empurrar, chutar, cutucar
Talhar	• bater, atirar, chicotear
Pontuar	• palmadinha, pancadinha, abanar
Sacudir	• roçar, agitar
Pressionar	• prensar, partir, apertar
Torcer	• arrancar, esticar
Deslizar	• alisar, borrar
Flutuar	• espalhar, mexer

Fonte: Imagem elaborada pela autora, 2017

Quanto aos fatores dos movimentos são quatro e para cada um especificou algumas qualidades, identificadas a seguir:

Figura 10- Quadro sobre os fatores e qualidades dos movimentos segundo Laban

<b>Fatores de movimento</b>	<i>Elementos do Esforço</i>		<i>Aspectos mensuráveis (funções objetivas)</i>	<i>Aspectos classificatórios (sensação do movimento)</i>
	(lutantes)	(complacentes)		
<b>Peso/Força</b>	firme	suave	Resistência forte ( ou graus menores até fraco)	Leveza leve (ou graus menores até pesado)
<b>Tempo</b>	súbito	sustentado	Velocidade rápida (ou graus menores até lento)	Duração (longo ou graus menores até curto)
<b>Espaço</b>	direto	flexível	Direção direta (ou graus menores até ondulante)	Expansão flexível (ou graus menores até curto)
<b>Fluência</b>	controlada	livre	Controle parado (ou graus menores até libertado)	Fluência Fluída (ou graus menores até parando)

Fonte: LABAN, 1978

Percebo, então, que a criançada está sempre enfatizando movimentos rápidos, lentos, fortes, além de estarem presentes em seu cotidiano as ações corporais básicas (assim intitulado por Laban) como sacudir, pontuar, torcer, dentre outras. Por tal motivo, escolhi especificamente estes dois estudos de Laban, na tentativa de inter- relacionar às brincadeiras enfatizadas nesta subseção para o desenvolvimento do ensino da dança neste ambiente escolar. Estabelecendo uma relação mútua de pensamentos e aprendizagens e dialogando com o que Laban já pensava em 1978 de que

[...] a dança na educação permitia uma integração entre o conhecimento intelectual do aluno e suas habilidades criativas [...]. a partir da compreensão das qualidades de movimento, implícitas nas diversas formas de expressão humana, o aluno, harmonicamente, poderia ser educado através do movimento/ dança (MARQUES, 2011, p.78).

Para tanto, acredito que a teoria e prática de Laban sejam um caminho favorável e eficaz para o ensino da dança. Posto que,

[...] O caráter das pessoas em atividade é melhor expresso em termos de movimento, ou seja, através dos elementos Espaço, Peso, Tempo e Fluência, na medida em que se revelam nas ações corporais. Estes elementos comportam a chave da compreensão daquilo que se poderia chamar o alfabeto da linguagem do movimento [...] (LABAN, 1978, p.167-168).

Diante desta perspectiva, enfatizo esses fatores fazendo relações com as brincadeiras das crianças para o ensino da dança ao compreender que,

Quanto mais estudamos como o nosso movimento acontece, seja a partir da investigação do movimento articular, da percepção do peso do corpo, de onde inicia o impulso que gera o movimento, e assim por diante, mais temos a capacidade de discernir as possibilidades [S.I.C.] corporais, isto é, ficamos mais atentos e críticos. Esse aprendizado estabelece outros acessos ao conhecimento corporal para a dança, e torna a pessoa capaz de recriar ou refazer o movimento, sem depender de um modelo (Zacan, 2012 apud FRAKEN [S.D], p. 3).

Sendo assim, singelamente correlaciono a esse estudo também, a coordenação motora, uma vez que a mesma “permite a criança dominar o corpo no espaço, controlando os movimentos mais rudes, como é o caso de andar, correr, saltitar, pular, [...] etc..” (LONDERO, 2011, p.23). Assim, analisando e compreendendo as expressões corporais dos alunos evidenciadas no recreio.

Seguem, então, os laboratórios elaborados a partir de jogos e brincadeiras dos alunos da escola Estrada Nova em Belém do Pará.

## LABORATÓRIO I

**TEMA:** Escravo de Jó e o Corpo em Movimento

**FAIXA ETÁRIA:** 8 a 10 anos

**OBJETIVO GERAL:** Proporcionar a descoberta e experimentação de movimentos para a elaboração de composição coreográfica.

### **OBJETIVOS ESPECÍFICOS:**

- Estimular a atenção e agilidade
- Ampliar a capacidade de improviso do aluno
- Promover a criatividade e socialização dos alunos

### **CONTEÚDOS:**

- Ações corporais: pular, chutar, socar, dentre outras que possam surgir durante a improvisação dos alunos na roda.
- Fator do movimento: fluência (livre; controlada)

### **PROCEDIMENTO:**

Iniciaremos com uma roda de conversa, na qual cada educando irá falar um pouco sobre as brincadeiras que mais gostam e mostrar corporalmente os movimentos que tem nas brincadeiras.

Em seguida, os alunos ficarão em pé e de mãos dadas formando um grande círculo e estes irão cantar a música “Escravo de Jó” e executar os movimentos que a ministrante solicitar, da seguinte forma:

**Escravos de Jó**  
**Jogavam caxangá** } os alunos irão apenas girar a roda pelo lado direito

**Tira** → os alunos darão um pulo para trás

**Põe** → os alunos darão um pulo para frente

**Deixa ficar** → essa parte é livre, pois os alunos poderão executar os movimentos que tem nas brincadeiras que eles mais gostam (seja chutar, socar, pular)

**Guerreiros com guerreiros** → a roda voltará a girar, só que pelo lado esquerdo

**Fazem zigue-zigue-zá** → nessa parte os alunos darão um salto para o lado direito e esquerdo, bem rápido.

Depois de experimentarem esse momento lúdico, os alunos irão fechar os olhos e se concentrar em sua respiração (inspirando pelo nariz e expirando pela boca). Logo após, a professora irá perto de cada aluno e falará em seu ouvido: abra os olhinhos e em silêncio pode sentar.

## LABORATÓRIO II

**TEMA:** “Vâmo Pulá” o Chicotinho Queimado

**FAIXA ETÁRIA:** 8 a 10 anos

**OBJETIVO GERAL:** Proporcionar a vivência da brincadeira “Chicotinho Queimado” para que as crianças possam executar o movimento pular, espontaneamente e a partir do fator de movimento tempo.

**OBJETIVOS ESPECÍFICOS:**

- incentivar a atenção e agilidade do aluno
- Promover a habilidade da ação pular, espontaneamente, para a melhor compreensão da mesma

**CONTEÚDOS:**

- Ação corporal: pular
- Fatores do movimento (tempo acelerado e desacelerado)

**PROCEDIMENTO:**

Faremos uma grande roda e dentro dela vai estar um aluno com uma corda na mão (segurando-a só em uma ponta), e este irá arrastar a mesma pelo chão, em momentos ora lento ora rápido, tentando tocar em alguém do círculo.

Os que estiverem ao redor desta criança, terão que pular no ritmo que a corda estiver sendo manuseada para não ser tocado, pois se alguma pessoa for atingido, esta sairá da roda.

Depois, com os alunos organizados novamente em uma roda, irão cantar e dançar livremente (mas enfatizando a ação pular) acompanhando a seguinte parte da música dos cantores Sandy e Júnior:

Só quem consegue sentir essa magia  
Transforma qualquer lugar em alegria  
E quando você pula, pula até suar  
E não se cansa  
É pura adrenalina no ar  
Vâmo pulá, vâmo pulá...  
Vâmo pulá, vâmo pulá...

Logo após, os alunos irão colocar as mãos bem pertinho de seus corações e se concentrar em sua respiração (inspirando pelo nariz e expirando pela boca).

### LABORATÓRIO III

**TEMA:** Estátua

**FAIXA ETÁRIA:** 8 a 10 anos

**OBJETIVO GERAL:** Trabalhar a concentração e a criatividade dos alunos por meio da brincadeira Estátua em diálogo com o fator tempo e algumas habilidades motoras do dia-a-dia.

**OBJETIVOS ESPECÍFICOS:**

- Estimular a atenção dos educandos
- Proporcionar a criatividade
- Desenvolver a desinibição

**CONTEÚDOS:**

- Fator do movimento: Tempo
- Coordenação Motora Grossa: habilidades correr, pular, chutar

**PROCEDIMENTO:**

Iniciaremos com uma roda, na qual será explicado o laboratório que será aplicado.

Após a explicação, as crianças ficarão espalhadas no espaço (espaço este que será delimitado por uma fita), sendo que uma delas estará à frente desta linha e contará de um até um número inferior a dez, enquanto as outras estarão executando os movimentos que desejarem. Só que a qualquer instante esta contagem pode ser interrompida e todos terão que parar de se movimentar, e o aluno ao parar a contagem terá que olhar rapidamente para trás e se alguém ainda estiver se mexendo, esta pessoa passará a ser o contador. Caso não tenha ninguém se movendo, a pessoa que quiser ser o contador terá que correr e tocar na pessoa que estava fazendo a contagem. Então, quem tocar primeiro nele será a mãe.

Ao término da dinâmica daremos um abraço coletivo.

### LABORATÓRIO IV

**TEMA:** Polícia e Ladrão

**FAIXA ETÁRIA:** 8 a 10 anos

**OBJETIVO GERAL:** Ampliar as capacidades naturais e o desenvolvimento motor do aluno, de forma lúdica e a partir de alguns elementos presentes na dança, a exemplo do equilíbrio, corrida e redirecionamentos.

**OBJETIVOS ESPECÍFICOS:**

- Estimular a coordenação motora
- Realizar os movimentos básicos de correr, desviar, frear e equilibrar.
- Promover a socialização dos alunos

**CONTEÚDOS:**

- Ações corporais: correr, desviar, frear e equilibrar.
- Fatores do movimento: espaço (indireto- multifoco) e fluência (livre; controlada)

**PROCEDIMENTO:**

Os alunos serão divididos em dois grupos: um será a polícia e o outro será o ladrão. Para iniciar a dinâmica, os alunos terão um amplo espaço para começarem a caçada, depois ao longo da brincadeira, a professora irá delimitando cada vez mais este local e a cada rodada os alunos terão um minuto para caçar e ser caçado. O grupo vencedor será aquele que obter mais pontuação. E se algum integrante do grupo quebrar uma das regras (por exemplo, puxar a camisa do colega ou empurrar) será punido e a pontuação vai para a equipe adversária.

Ao término das rodadas será solicitado aos alunos que façam uma roda e se concentrem em sua respiração (inspirando pelo nariz e expirando pela boca). E finalizaremos com um abraço coletivo.





LABORATÓRIO V

**TEMA:** Ações Corporais básicas

**FAIXA ETÁRIA:** 8 a 10anos

**OBJETIVO GERAL:** Estimular a concentração dos alunos, atribuindo a eles uma ferramenta para a criação de movimentos, a partir de propostas que utilizam o fator tempo.

**OBJETIVOS ESPECIFICOS:**

- Estimular a criatividade dos alunos
- Proporcionar agilidade e atenção dos alunos

**CONTEÚDOS:**

- Ações corporais: sacudir e socar

**PROCEDIMENTO:**

A turma será dividida em três grupos e um de cada vez terá dois minutos para montar o nome de uma ação básica solicitada pela ministrante, e para isso será dado aos alunos as letras do alfabeto confeccionadas em E.V.A.

Depois que o grupo organizar a palavra, os integrantes do mesmo irão mostrá-la corporalmente.

## LABORATÓRIO VI

**TEMA:** Cabo de Guerra

**FAIXA ETÁRIA:** 8 a 10 anos

**OBJETIVO GERAL:** Utilizar a brincadeira Cabo de Guerra como indutor para a composição coreográfica.

**OBJETIVOS ESPECÍFICOS:**

- Trabalhar a movimentação de “vai e vem” (inclinação do corpo nas direções frente e trás) para a melhor compreensão desta expressão corporal
- Estimular a coordenação motora
- Desenvolver a socialização entre os alunos

**CONTEÚDOS:**

- Coordenação Motora: inclinação do tronco (frente e trás)
- Força: leve e pesada

**PROCEDIMENTO:**

Será feita uma marcação no chão como divisória do meio da corda. Em seguida, a turma será dividida em dois grupos, cada equipe deverá ficar enfileirada e puxar a corda para o seu lado tentando fazer com que o adversário ultrapasse a marcação no chão, para assim ganhar dele.

Após três rodadas da brincadeira, os mesmos grupos serão organizados cada um numa diagonal, dispostos um de frente para o outro e irão cantar a música cabo de guerra (da Xuxa) e dançar da seguinte forma:

Ôôôôôô (fazendo movimentações para frente e para trás)

Quem vai ganhar? (Iráo pular e levantar os braços)

Eu quero ver! (parte livre para as crianças)

Vamos torcer,vamos brincar (parte livre para as crianças)

Cabo de guerra! (parte livre para as crianças)

Estica a corda pra lá (inclinando o corpo para trás)

Estica a corda pra cá (inclinando o corpo para frente)

Quem não passar da marca vai ganhar (vai dar um giro no seu lugar)

Depois da dinâmica faremos uma roda, colocaremos as mãos (uma em cima da outra) próximas ao coração e daremos ênfase à respiração.

## LABORATÓRIO VII

**TEMA:** Pulando Corda

**FAIXA ETÁRIA:** 8 a 10 anos

**OBETIVO GERAL:** Promover o entendimento sobre ritmo.

**OBJETIVOS ESPECÍFICOS:**

- Trabalhar as habilidades motoras, como equilíbrio, saltos e giros
- Proporcionar a expressividade natural de cada aluno

**CONTEÚDOS:**

- Ritmo
- Habilidades Motoras: equilíbrio, saltos e giros

**PROCEDIMENTO:**

Divididos em pequenos grupos, os alunos iniciarão a atividade com a brincadeira do “Pular Corda”, cantando as músicas tradicionais (exemplo: “Um homem bateu na minha porta e eu abri...”; fogo, fogueiro, fogão...), para que assim possam experimentar várias formas de saltar e girar naturalmente, ao ritmo de cada música.

Logo após experimentarem várias vezes, os alunos irão praticar novamente a brincadeira, sendo que desta vez será de forma dançada, sem a corda e coreografadamente a partir da música “O Homem”.

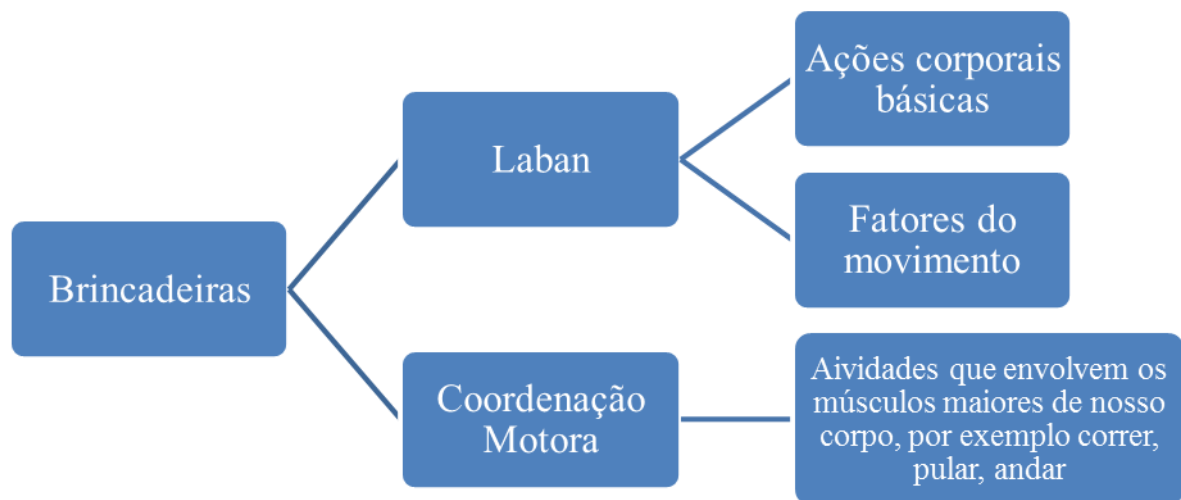


Como percebido nos laboratórios acima, detive-me a associar e analisar as movimentações dos alunos, diante de suas brincadeiras no recreio, para assim tecer diálogos com os conteúdos de dança que me foi possível enxergar nas expressões corporais das crianças.

Os conteúdos que evidenciei nos laboratórios foram as ações corporais e os fatores de movimento elucidadas no estudo de Rudolf Von Laban. Além disso, também ressalto, de forma simples, a utilização da coordenação motora grossa, a qual pode ser definida como a junção de um conjunto de habilidades e das estruturas corporais, possibilitando o homem a realizar movimentações das mais diversas formas. Pois, esta fonte de aprendizado possibilita, também, aos alunos a liberdade de criação e expressão sem separar o saber-teórico do saber-prático.

Então, esses conteúdos estão articulados da seguinte maneira:

Figura 11- Relação dos conteúdos associados aos laboratórios de dança



Fonte: Figura elaborada pela autora, 2017

Desta forma, os estudos enfatizados, ajudaram na compreensão do ser-agente-encarnado, possibilitando à dança um novo rumo, proporcionando a integração entre os conhecimentos num movimento único e transformador, valorizando-a e a legitimando no âmbito escolar.

Assim, diante desses aspectos supracitados para a elaboração dos laboratórios, segue na próxima subseção o relato de como se desenvolveu cada aula, com análises-reflexivas

sobre as mesmas.

#### 4.2. APRENDER BRINCANDO: A DANÇA EM EVIDÊNCIA E O RELATO DAS AULAS

Nesta última etapa da pesquisa, em diálogo com a diretora e a professora da turma do 3º ano, propus-me a aplicar os laboratórios de dança no espaço do recreio, espaço este que era um pouco pequeno, de cimento, sem cobertura e que se encontrava em reforma.

A turma era composta por 36 alunos, entretanto como as aulas da escola estavam voltando no período que apliquei os laboratórios, alguns alunos ainda não haviam presenciado as aulas normais da escola. Então, apliquei os laboratórios para 31 alunos, no máximo, sendo que a cada dia a quantidade de alunos oscilava. No dia 14 de fevereiro de 2017 participaram dos laboratórios 19 alunos, no dia 16 de fevereiro de 2017, apliquei os laboratórios para 29 educandos, no dia 21 de fevereiro de 2017 foram 31 alunos e no dia 07 de março de 2017, 18 crianças.

Ressalto que, como o espaço era pequeno, saiam apenas de duas em duas turmas para o recreio, e eram apenas 15 minutos. Entretanto, como havia o recreio dos outros educandos, a professora me permitiu aplicar os laboratórios durante o recreio de todas as turmas (no total era uma hora estipulada). Sendo assim, organizei os laboratórios para serem aplicados em meia hora, cada um.

Logo abaixo, estarei dialogando sobre esses momentos, mas enfatizo aqui, que dos sete laboratórios aplicados, apenas um não está relacionado diretamente com uma brincadeira, mas tece diálogos com as expressões corporais encontradas nos educandos durante o recreio, fazendo relação com as ações corporais sacudir e socar.

Esclareço que o motivo pelo qual evidencio este laboratório é devido o mesmo ter me proporcionado (além da vivência dos estudos dos conteúdos nele presentes) uma parte do nome da subseção 4.1(Vida de criança). Seguem então, os relatos dos laboratórios vivenciados pelos alunos da escola Estrada Nova.

No dia 14 de fevereiro de 2017, propus-me a trabalhar com os laboratórios I e II, haja vista que eram laboratórios que podiam se complementar. No primeiro plano de aula tive como objetivos proporcionar a descoberta e experimentação de movimentos para a elaboração de composição coreográfica, ampliar a capacidade de improviso e estimular a atenção e agilidade do aluno e promover a criatividade e socialização.

Este dia foi um pouco chuvoso, impossibilitando-me de aplicar qualquer laboratório durante o recreio das crianças, pois o espaço para este momento era totalmente aberto, então

quando chovia, o jeito era ficar pelo corredor. Diante deste fato, fiquei dentro da sala de aula, afastei as cadeiras junto com a professora da turma e assim, ministrei minhas aulas. As crianças se divertiram muito dançando ludicamente. É interessante perceber como uma simples brincadeira pode ter tanto conteúdo. Quando solicitei aos alunos que fizessem movimentos das brincadeiras que eles mais gostavam (em uma determinada parte da música *Escravo de Jó*), foi um momento muito proveitoso, recheado de movimentos do dia a dia deles e que nutrem ainda mais o fazer dança. Assim, “A improvisação surgia como uma possibilidade de experimentar “livremente” os estímulos definidos pela professora” (SOUZA, 2010, p.65). Por exemplo, alguns fizeram o movimento de empinar pipa, outros o movimento de pular, socar, chutar. Improvisaram a partir de sua ambiência lúdica presente na escola, das mais variadas formas.

Figura 12 - Escravo de Jó



Fonte: Arquivo Pessoal, Luana Gomes, 2017

No entanto, houve momentos, na verdade vários, em que precisei parar o que estava fazendo para dar atenção a alguns alunos que queriam se mostrar ou brigar entre si. Na dinâmica da roda, quando percebi, certos meninos estavam fazendo o movimento de chutar e socar no próprio colega ao lado. Então, foi outro momento que precisei intervir para dar continuidade à aula.

Já no segundo laboratório, objetivei proporcionar a vivência da brincadeira “Chicotinho Queimado”, com intenção de incentivar a atenção e agilidades do aluno e promover a habilidade da ação pular naturalmente. Posto que de acordo com Laban,

Uma das ações corporais mais excitantes é a elevação do corpo acima do solo, ou seja, o momento em que ambos os pés deixam o chão num pulo e você fica verdadeiramente suspenso no ar por um momento. Pular requer um

certo grau de ações rápidas e fortes das pernas para que o corpo seja lançado ao ar (1978, p.82).

Acredito que o saltar seja também um elemento estruturante da dança e muito utilizado em coreografias de maneiras distintas e como o aluno na brincadeira faz uso dele de modo simples e natural, enfatizei o mesmo neste plano de aula.

Neste dia, dos 36 alunos, apenas 19 (08 meninas e 11 meninos) estavam em sala. E estes relataram que os laboratórios aplicados foram muito legais e quando indaguei o por que de ser legal eles disseram que o motivo era por terem saído das cadeiras e que não realizavam atividades assim na sala. Além de terem cantado durante a dinâmica.

No dia 16 de fevereiro de 2017, apliquei os laboratórios III e IV, entretanto, obtive sucesso apenas em um. Esperei começar o recreio e acompanhei os educandos até o espaço do intervalo. Eles lancharam rapidamente e fizeram uma roda que solicitei para que pudesse explicar o que estava por vir. Então, o primeiro laboratório que resolvi ministrar foi a da estátua, com o intuito de aprimorar a concentração e a criatividade dos alunos por meio da brincadeira estátua em diálogo com o fator tempo e algumas habilidades motoras encontradas em seu dia-a-dia, entretanto, os mesmos estavam muito eufóricos, o círculo não chegou a se concretizar muito bem, pois sempre saía uma criança dele, que puxava outra, corriam o espaço todo, sem contar que além dos 29 educandos (sendo 9 meninas e 20 meninos) presentes neste dia, alunos de outras turmas também se inseriam na aula. Foi um “Deus nos acuda”. Não conseguiram se concentrar na dinâmica e confesso que depois de várias tentativas não soube reverter a situação, e como meu tempo era restrito preferir tentar aplicar o próximo laboratório.

No laboratório IV acabei passando do tempo estipulado, mas foi bem sucedida. Objetivei ampliar as capacidades naturais e o desenvolvimento motor do aluno, de forma lúdica e a partir de alguns elementos presentes na dança com a finalidade de estimular a coordenação motora, promover a socialização e realizar os movimentos básicos de correr, desviar, frear e equilibrar, movimentos estes que ao longo de minha pesquisa percebi estarem

Fig. 13- A Tentativa de um Círculo



Fonte: Arquivo Pessoal, Luana Gomes, 2017

impregnados nas brincadeiras dos alunos durante o recreio. Além de que,

A dança, ao explorar a noção de espaço, dá ao aluno a liberdade de explorar o espaço de forma espontânea e lúdica. A ação libertadora da exploração do espaço tem significado de emancipação como gerar a autoconfiança, porque ao explorar o espaço modifica-se o contexto espacial (CARBONERA; CARBONERA, 2008, p.32).

Sendo assim, utilizei a brincadeira “Polícia e Ladrão” para trabalhar também a questão espacial e impondo certos limites e regras no jogo, estipuladas pelos próprios alunos, sendo que,

Ainda no espaço o corpo toma várias posturas, compondo desenhos que figuram o espaço. Podendo o corpo estar: em extensão, flexão, braços e pernas podem estar de forma simétrica (os dois lados iguais), ou assimétrica (os dois lados diferentes) e essas posturas podem estar de forma estáticas (paradas) ou dinâmicas (em movimento) (CARBONERA; CARBONERA, 2008, p. 32).

E sob esta análise foi possível alcançar os objetivos almejados neste laboratório de dança, enfatizando que esta simples brincadeira pode tecer diálogos com a dança.

Figura 14- Polícia e Ladrão1 (espaço maior)



Fonte: Arquivo Pessoal, Luana Gomes, 2017

Figura 15- Polícia e Ladrão 2 (espaço menor)



Fonte: Arquivo Pessoal, Luana Gomes, 2017

Sobre este dia os alunos articularam que o início da brincadeira estava “chata”, que eles sabiam brincar de estátua e que eu não precisava ficar falando várias vezes. Talvez por isso esse laboratório não se desenvolveu como havia planejado. No entanto, percebi que

trabalhar no horário do recreio junto com outras turmas ali presente é bem mais complicado do que imaginava, então busquei outras estratégias para aplicar os próximos laboratórios, a exemplo de conversar com os alunos primeiramente na sala e levá-los para o espaço do intervalo diretamente para colocar em prática a atividade estipulada para o dia. Quanto ao laboratório sobre a brincadeira polícia e ladrão, os alunos comunicaram que o mesmo foi divertido, mas ao mesmo tempo difícil, pois para eles, brincar no espaço pequeno que estipulei (demarcado por um pedaço de cano que estava presente no espaço do recreio) era complicado, não dava nem para correrem melhor, e ainda ficavam se “esbarrando” a todo instante. Disse a eles, que era preciso compreender também a questão espacial, que era importante não somente para a dança, mas também para varias ocasiões da vida, por exemplo ao entrar em um ônibus lotado por pessoas teremos que encontrar e ficar em uma parte bem pequena, sem poder fazer muitos movimentos, então é necessário compreender a noção espacial.

O laboratório V aplicado no dia 21 de fevereiro de 2017, foi elaborado a partir de um pedido da professora da turma. Ela pediu que eu organizasse um plano de aula, no qual pudesse tecer diálogos com a disciplina Língua Portuguesa. Diante disso, analisei as movimentações dos alunos perante as brincadeiras realizadas no recreio e delas coletei algumas ações básicas corporais como socar e sacudir enfatizadas no estudo de Laban.

Diante desse aspecto, estimei a concentração dos 31 alunos (09 meninas e 22 meninos) presentes neste dia, atribuindo a eles uma ferramenta para a criação de movimentos, a partir de propostas que utilizavam o fator tempo, dando ênfase à expressão corporal de cada educando, por acreditar que cada pessoa tem uma maneira própria de realizar um determinado movimento. Assim, este laboratório esteve pautado em

- ampliar as possibilidades expressivas do próprio movimento, utilizando gestos diversos e o ritmo corporal nas suas brincadeiras, danças, jogos e demais situações de interação;
- controlar gradualmente o próprio movimento, aperfeiçoando seus recursos de deslocamento e ajustando suas habilidades motoras para a utilização em jogos, brincadeiras, danças e demais situações;
- apropriar-se progressivamente da imagem global de seu corpo, conhecendo e identificando seus segmentos e elementos e desenvolvendo cada vez mais uma atitude de interesse e cuidado com o próprio corpo. (PEDROSA; TAVARES, 2009, p. 201).

Objetivando assim, também, uma maneira de ensinar leitura material e corporal para os alunos, de maneira mais dinâmica.

Como nesse dia foram 31 alunos, precisei dividir a turma em quatro grupos (e não em

três como estipulado no laboratório). Além disso, pedi aos alunos que nomeassem o seu grupo e surgiram os nomes: amigos para sempre; grupo do ABC, e vida criança (nome este, que escolhi para uma das minhas subseções).

Os alunos gostaram da aula, mas enfatizaram a dificuldade para montar as palavras e a vergonha para realizar o movimento sacudir, pois era estranho e não sabiam realizá-lo.

Figura 16 - Leitura de Ações Corporais



Figura 17 – Ação Corporal



Fonte: Arquivo Pessoal, Luana Gomes, 2017

Fonte: Arquivo pessoal, Luana Gomes, 2017

No dia 07 de março de 2017 apliquei os dois últimos laboratórios de dança: o VI e VII. Ressalto que neste dia, infelizmente, dos 31 alunos em sala, apenas 18 (05 meninas e 11 meninos) participaram dos laboratórios, pois a professora da turma disse que os demais não iriam participar porque não se comportaram e não fizeram as atividades que solicitou.

O primeiro aplicado neste dia foi elaborado a partir da brincadeira cabo de guerra, com a finalidade de criar uma coreografia e o segundo foi o do pular corda, visando enfatizar o aprendizado rítmico em diálogo com algumas músicas. Além disso, este também finalizou com criação coreográfica partindo da própria música de pular corda: “O Homem”. Estes laboratórios foram estonteantes, tanto para os alunos quanto para mim. É claro que teve alguns obstáculos, a exemplo do espaço, no qual precisamos ficar em um cantinho, já que era o recreio e outras crianças ali estavam, a coreografia da brincadeira cabo de guerra não foi totalmente concretizada. No entanto, os alunos se entusiasmaram com as brincadeiras e conseguiram compreender o que objetivava a partir delas para o aprendizado em dança que era trabalhar as habilidades motoras, como equilíbrio, saltos e giros, proporcionar a expressividade e a socialização entre eles e promover o entendimento sobre ritmo de forma

lúdica e criativa. Ressalto criativa, por acreditar que,

*[...] a criatividade e os processos de criação são estados e comportamentos naturais da humanidade. São naturais, no sentido do próprio e também do espontâneo em que todo fazer do homem torna-se um formar.*

A criatividade é, portanto, inerente à condição humana (OSTROWER, 1987, p. 53).

Percebo então, que a garotada é espontaneamente criativa, e a naturalidade com a qual se expressa diante de suas brincadeiras no recreio é evidência desse fazer. Assim, fui ainda mais instigada a realizar esses laboratórios a partir do que os alunos vivenciam.

E segundo os educandos, esses foram os melhores e disseram que queriam fazer tudo novamente. Alguns meninos falaram que tinham vergonha de dançar, mas dessa forma, como elaborada neste dia, não era vergonhoso.

Figura 18- Cabo de Guerra



Fonte: Arquivo Pessoal, Luana Gomes, 2017

Figura 19- Coreografia do Cabo de Guerra



Fonte: Arquivo Pessoal, Luana Gomes, 2017

Figura 20- Pula Corda



Fonte: Arquivo Pessoal, Luana Gomes, 2017

Figura 21- Coreografia Pula Corda



Fonte: Arquivo Pessoal, Luana Gomes, 2017

Sendo assim, no que tange a expressividade cultural desses alunos, a partir de suas brincadeiras e laboratórios de dança junto ao lúdico que lhes fora proporcionado,

A expressão corporal como vimos esta presente nos subsídios de reflexão para a Educação no Brasil, assim como nos objetivos do ensino, portanto é uma proposta válida e que deve ser explorada a todo o momento, podendo ser compreendida na educação como meio didático-pedagógico existente para provocar e liberar a expressividade do educando, dessa forma trabalhar a expressão corporal é trabalhar o interdisciplinar é explorar a criatividade dos alunos, sem fugir das expectativas de desenvolvimento e das capacidades (PEDROSA; TAVARES, 2009, p. 202).

Diante de todo esse estudo, percebo que o professor precisa ter um olhar sensível para a turma com a qual está trabalhando, na tentativa de melhor explorar e respeitar as mais variadas expressões dos seus alunos, pois a dança é uma fonte educativa estupenda, que nos proporciona uma liberdade corporal inquestionável. Entretanto, se o educador se detiver ao ensino da mesma por meio de cópia- repetição, padronização de corpos, principalmente dentro do âmbito escolar, este não estará contribuindo para a educação de seu aluno, pelo contrário, estará refutando o repertório afetivo- cultural da criança. Por isso, ressalto que o professor deve sempre rever suas metodologias, criando e as recriando para que o aluno, não somente, se sinta motivado a aprender, mas que consiga se desenvolver de forma livre e criativa.

Para tanto, me vi frente à necessidade de realizar análises minuciosas das brincadeiras dos educandos para desvelar que “[...] a dança é constituinte evidente do cotidiano dos alunos; eles dançam no recreio, [...] dançam para se sentirem inseridos no meio, dançam para mostrar seu estado de espírito” (LONDERO, 2011, p. 16). Assim, elucidado essa pesquisa que está pautada na elaboração de laboratórios de dança em diálogo com a dança e a ambiência lúdica da criançada presente no recreio da escola Estrada Nova como proposta de ensino que possa servir também para tantos outros ambientes escolares. Pois como sabemos, no que tange o contexto escolar, os conteúdos ainda são poucos trabalhados devido à dificuldade de muitos professores em criar aulas que atendam esse público da melhor forma possível, para a compreensão do que é dança, do que ela nos oferece enquanto educação (já que a realidade desses alunos é outra, e a finalidade aqui não é padronizar esses corpos a partir de algum gênero de dança).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dança por si só diligencia seus próprios conteúdos, uma vez que esta linguagem específica da arte como área de conhecimento não só os pratica, mas vai além, pois respeita a diversidade, o contexto socioeconômico e político do aluno (é claro que isso depende do método de ensino aplicado por cada educador).

Como a educação nasce no coletivo e da necessidade de se comunicar, é importante que o profissional da dança leve em consideração a “bagagem” cultural do educando, juntamente com a prática pedagógica e os domínios cognitivo, psicomotor, afetivo e social, pois é através da realidade deste aluno que o professor irá construir o conhecimento.

Sendo assim, é preciso que o professor veja a dança na expressão e na comunicação humana, respeitando a diversidade de corpos e compartilhando saberes múltiplos para com estes.

Diante desta questão, é essencial que o professor sempre se pergunte: Para quê educar? Quem educar? Como educar? Qual educação quero exercer? A silenciosa, a sexista, a incalculadora de valores, a moralista ou a dialogada? Que valores eu realmente quero inserir no contexto do educando? A exclusão, a segregação, a integração ou a inclusão? Quero tornar meu aluno um ser meramente de inferioridade ou uma pessoa crítica, reflexiva, expansiva e pensante? A educação precisa pelo menos tentar atender as exigências e necessidades concretas da sociedade.

Foi sob estas perspectivas que a presente pesquisa se desenvolveu, na tentativa de conhecer e compreender o corpo do aluno dentro do ambiente escolar, para que assim, fosse possível criar estratégias metodológicas a partir do ensino da dança, visando uma educação de corpo inteiro.

Sendo assim, evidencio que a partir do objetivo geral desta pesquisa, de elaborar essas propostas metodológicas para o ensino da dança inspiradas na ambiência lúdica do recreio que se articulam às experiências dos alunos da escola Estrada Nova, foi possível concretizar a minha hipótese de levar adiante esta pesquisa sob o viés da ludicidade, fazendo uso dessa ambiência lúdica encontrada logo após que a segunda campata toca, elucidando assim a dança em potência (dança secreta) presente neste ambiente.

Concretiza-se então, que a dança junto à ludicidade é possível para tecer diálogo e estabelecer metodologias de aplicabilidade de aulas para a aprendizagem em dança dentro das escolas, ao estreitar relações com o repertório afetivo-cultural do aluno.

Imbuída na ambiência lúdica das crianças, esta monografia apresentou o

desenvolvimento de laboratórios a partir das brincadeiras que os educandos realizavam no ambiente escolar, mas especificamente, logo após que a segunda campata toca: o recreio.

Para tanto, o estudo abordou indagações acerca da educação que vem sendo exercida dentro do quadro brasileiro, enfatizando o olhar sensível que o educador precisa ter para com seu educando e relatando a ambiência lúdica da garotada da escola Estrada Nova como fonte propulsora para o ensino da dança na mesma.

Assim, acredito que a escola brasileira precisa de novos posicionamentos para que o ensino se modernize ainda mais, sob o viés da Arte/Dança, fazendo com que os professores aperfeiçoem as suas práticas. Considero então, que para haver progressos significativos a respeito desta discussão, os papéis em atuação pelos diretores e coordenadores devem ser reexaminados (perante ao trabalho coletivo e diversificado). Quanto ao educador, este precisa rever seu projeto político pedagógico, seu currículo escolar, seus métodos e técnicas de ensino.

Esta minha pesquisa se deteve a tecer diálogos críticos- reflexivos, no que diz respeito à educação (ANDRADE, 2012), as funções dos professores perante a diversidade de corpos que se encontram no âmbito escolar (DOWBOR, 2007) e o ensino da Dança (MARQUES, 2007) diante do viés lúdico (ANDRADE, 2013) para a elaboração de laboratórios a partir do estudo de Laban (1978).

Todos esses desdobramentos me fazem enxergar a dança como uma profissão capaz de apontar caminhos educativos plausíveis e ensinar através dela é uma enorme satisfação. E diante de tal aspecto, pretendo dar continuidade a esta pesquisa mais à frente, aperfeiçoando-a para futuramente apresentá-la como proposta de ensino ao mestrado em Artes.

Assim, apresento ao leitor este estudo como uma proposta de ensino- aprendizagem no âmbito escolar (desdobrando caminhos também para a aprendizagem em dança em outros ambientes), apresentando possíveis conteúdos da dança que estão imersos nas brincadeiras das crianças, na tentativa de elucidar que brincadeira também é coisa séria, e que por meio da mesma também aprendemos.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Evilin Mayane Aparecida de Freitas; RODRIGUES, Luana Alves Ribeiro; VIEIRA, Martha Bezerra. La influencia del desarrollo socioafectivo en el aprendizaje de escolares em la Educación Física Infantil. . **EFDeportes. Revista Digital**, Buenos Ayres, Ano 18, n. 182, jul. 2013.
- ANDRADE, Simei Santos. **Ludicidade e formação de educadores**. Belém: PPGARTES/ICA/UFGPA, 2012.
- ANDRADE, Simei Santos. **O lúdico na vida e na escola: desafios metodológicos**. 1.ed. Curitiba: Appris, 2013.
- ARRUDA, Solange. **Arte do movimento: as descobertas de Rudolf Laban na dança e ação humana**. São Paulo: PW Gráficos; Editores Associados, 1988.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. Programa Mais Educação. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/programa-mais-educacao>> Acesso em: 15.01.2017.
- BRASIL, EJA. Disponível em: <<http://ejabrasil.com.br>> Acesso em: 18.03.2017.
- BRASIL. Senado Federal. Lei inclui artes visuais, dança, música e teatro no currículo da educação básica. Senado notícias, 30/05/2016. Disponível em: <<http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/05/03/lei-inclui-artes-visuais-danca-musica-e-teatro-no-curriculo-da-educacao-basica>> Acesso em: 12.04.2017.
- CARBONERA, Daniele; CARBONERA, Sergio Antonio. A importância da dança no contexto escolar, 2008. Monografia de Pós- Graduação (Educação Física) - Faculdade Iguazu- Instituto de Estudos Avançados e Pós- Graduação.
- CONCEITO.DE. **Recreio**. Disponível em: <<http://conceito.de/recreio>>. Acesso em: 23 jan. 2017.
- DOWBOR, Fátima Freire. **Quem educa marca o corpo do outro**. Rio de Janeiro: Cortez, 2007.
- FERREIRA, Cleia Simone; SANTOS, Everton Neves dos. Políticas públicas educacionais: apontamentos sobre o direito social da qualidade na educação. **Revista LABOR**, nº 11, v.1, p. 146-159, 2014.
- FRANKEN, Josiane. **Reflexões e Reflexos do Sistema Laban/Bartenieff na Prática Docente em Dança**. Rio Grande do Sul [SD].
- FREIRE, João Batista. **Educação de Corpo Inteiro: Teoria e Prática da Educação Física**. São Paulo: Scipione, 1989.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAG, Bárbara. **Escola, Estado e Sociedade**. 6ª edição. São Paulo: Moraes, 1986.

FRIEDMANN, Adriana. **A arte de brincar**: brincadeiras e jogos tradicionais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

G1 PARÁ. **Projeto 'Mundiar' combate a evasão escolar no Pará**. 10/03/2015. Disponível em: < <http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2015/03/projeto-mundiar-combate-evasio-escolar-no-para.html>>

GERALDO, Marize Lusechen. As crianças e seus corpos na escola. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física)- Universidade Federal de Minas Gerais- Belo Horizonte.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 1989.

GIRON, Graziela Rossetto. Políticas públicas, educação e neoliberalismo: o que isso tem a ver com cidadania?. **Revista de Educação**, Campinas, n. 24, p. 17-26, 2008.

GUEDES, Adriane Ogêda. O corpo na escola: experiências. **Salto para o Futuro**. Ano XVIII boletim, p. 03-14, 2008.

LABAN, Rudolf Von. **Domínio Do Movimento**. São Paulo: Summus, 1978.

LONDERO, Rosana Maria Alves. A dança na escola e a coordenação motora. 2011. Monografia de Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Artes)- Faculdade Integrada da Grande Fortaleza- Ceará.

MARQUES, Isabel A. **Ensino de dança hoje**: textos e contextos. 6ª edição. São Paulo: Cortez, 2011.

MINC. FUNARTE; UFBA. **Mapeamento Nacional da Dança**: grupos, companhias, coletivos Belém. Disponível em: <<http://www.mapeamentonacionaldadanca.com.br/resultados-esperados/grupos-companhias-e-coletivos-belem/>> Acesso em: 22 de janeiro de 2017.

MINC. FUNARTE; UFBA. **Mapeamento Nacional da Dança**: institucional Belém. Disponível em: <<http://www.mapeamentonacionaldadanca.com.br/resultados-esperados/institucional-belem/>> Acesso em: 22 de janeiro de 2017.

NUNES, Vera. **O papel das emoções na educação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis, Vozes, 1987.

PARÁ. Secretaria Estadual de Educação. **Pacto pela Educação**: Educação do Pará vai corrigir defasagem idade-série. Disponível em: <[www.pactopelaeducacao.pa.gov.br](http://www.pactopelaeducacao.pa.gov.br)> Acesso em: 09 mar. 2017.

PEDROSA, Mariane dos Reis; TAVARES, Helenice Maria. Expressão corporal e educação: elos de conhecimento. **Revista da Católica**, Uberlândia, v. 1, n. 2, p. 198-206, 2009.

ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. **A cartografia e a relação pesquisa e vida**. Psicologia & Sociedade; 21 (2): 166-173, 2009.

SANTIN, S. Visão lúdica do corpo. In: DANTAS, E.H.M (org.). **Pensando o corpo e o movimento**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

SANTOS, Raquel Amorim dos. Prefácio. In: ANDRADE, Simeia Santos. **Ludicidade e formação de educadores**. Belém: PPGARTES/ICA/UFPA, 2012.

SETENTA, Jussara Sobreira. Da Potência ao Ato. Da Idéia para a Ação: o corpo em estado de definição. **Revista Eletrônica de Filosofia**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 105-111. 2005.

TIRIBA, Léa. Propostas Pedagógicas. **Salto para o Futuro**, ano XVIII boletim, p. 03-14, 2008.

VARGAS, Lisete. **Escola em dança: movimento, expressão e arte**. Porto Alegre: Mediação: 2007.

ZEMP, Hugo. **Lês dances Du monde**. Paris: CNRS/Musée Del Homme:1998. (Coleção CNRS)

**ANEXOS**



Significação do recreio e as brincadeiras que mais gosta de brincar no mesmo.

Aluna: Flávia

Turma: 3º ano



Significação do recreio e as brincadeiras que mais gosta de brincar no mesmo.

Aluna: Yasmin

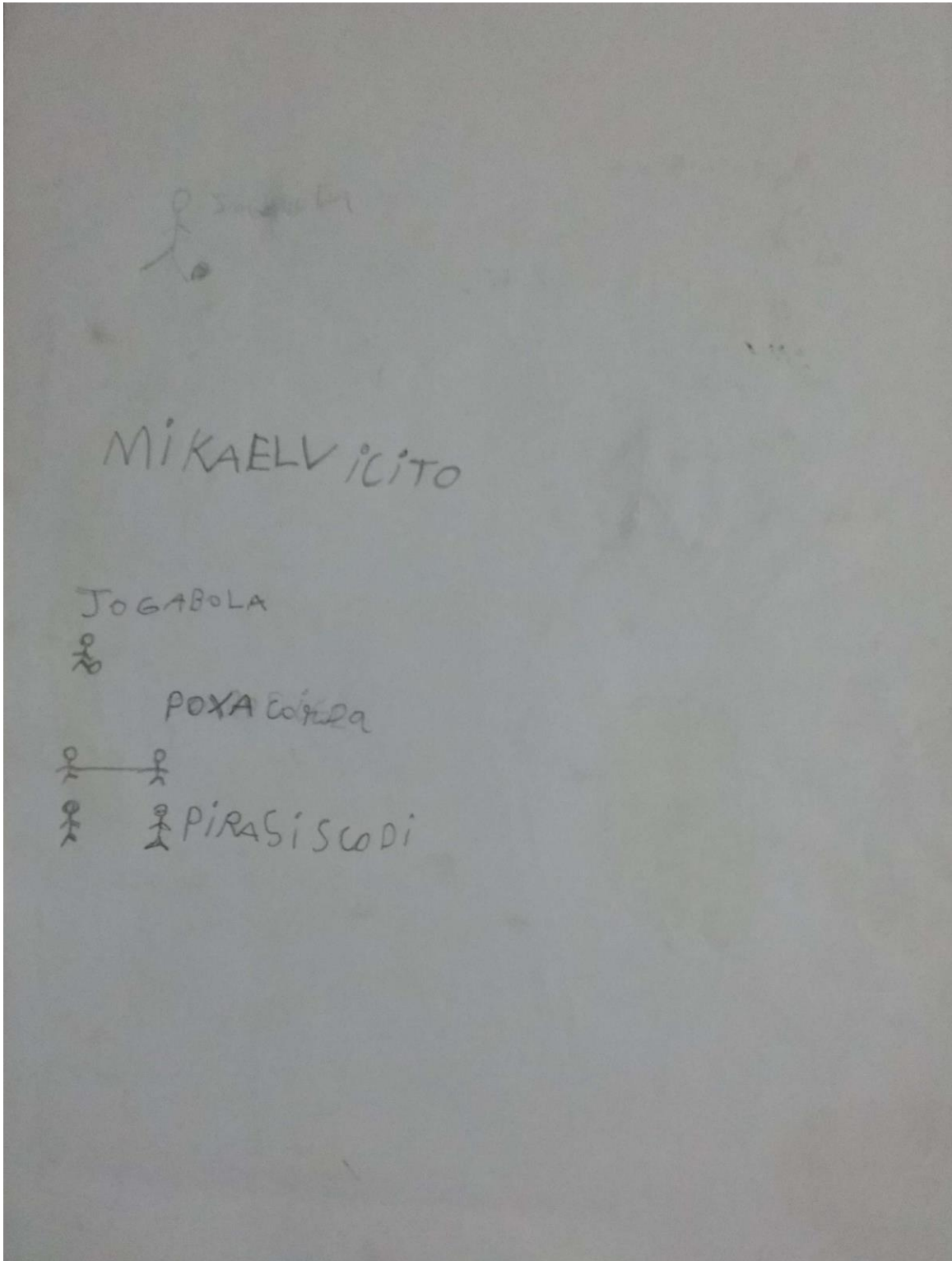
Turma: 3º ano



Significação do recreio e as brincadeiras que mais gosta de brincar no mesmo.

Aluna: Emily

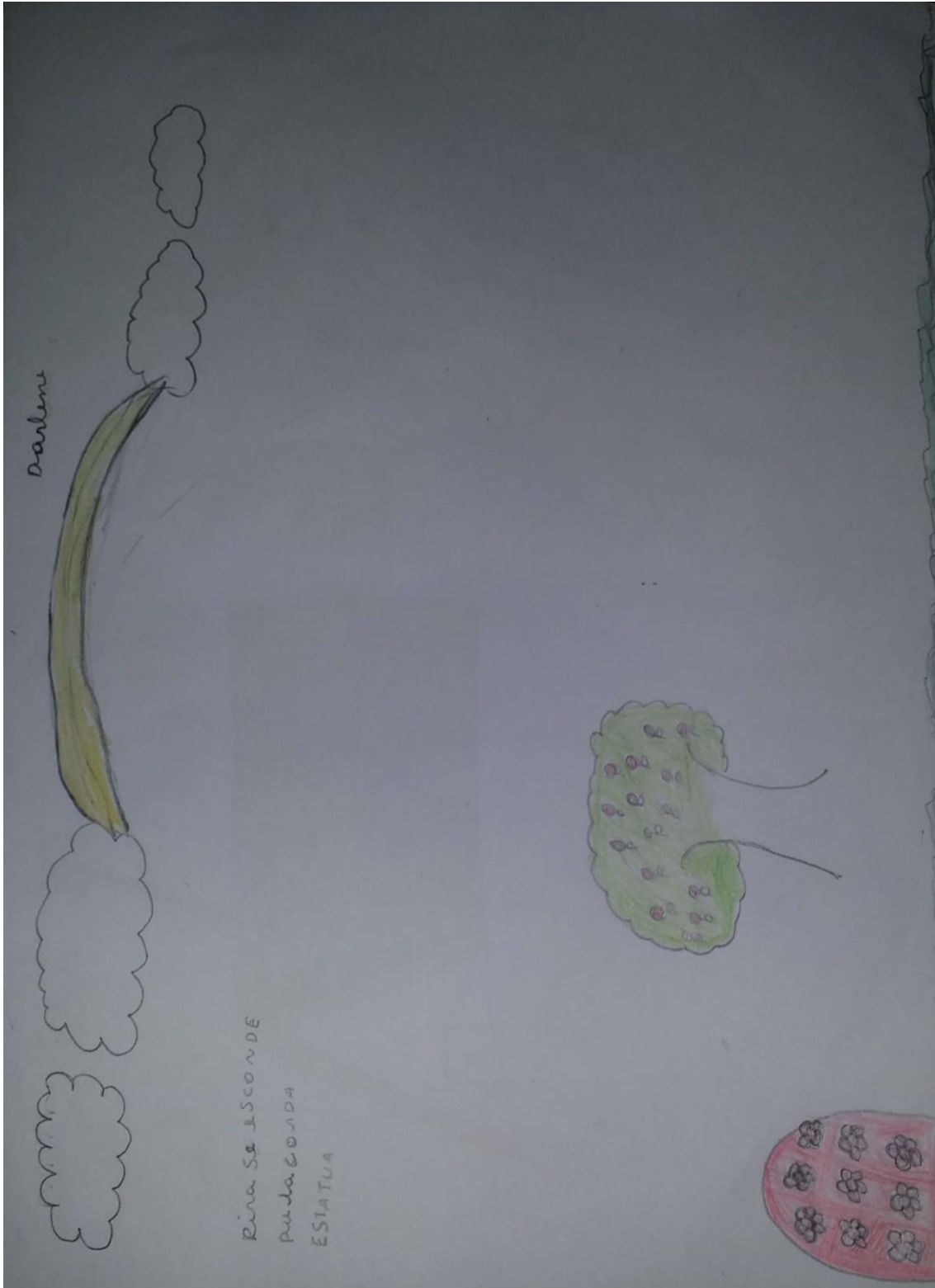
Turma: 3º ano



Significação do recreio e as brincadeiras que mais gosta de brincar no mesmo.

Aluno: Mikael

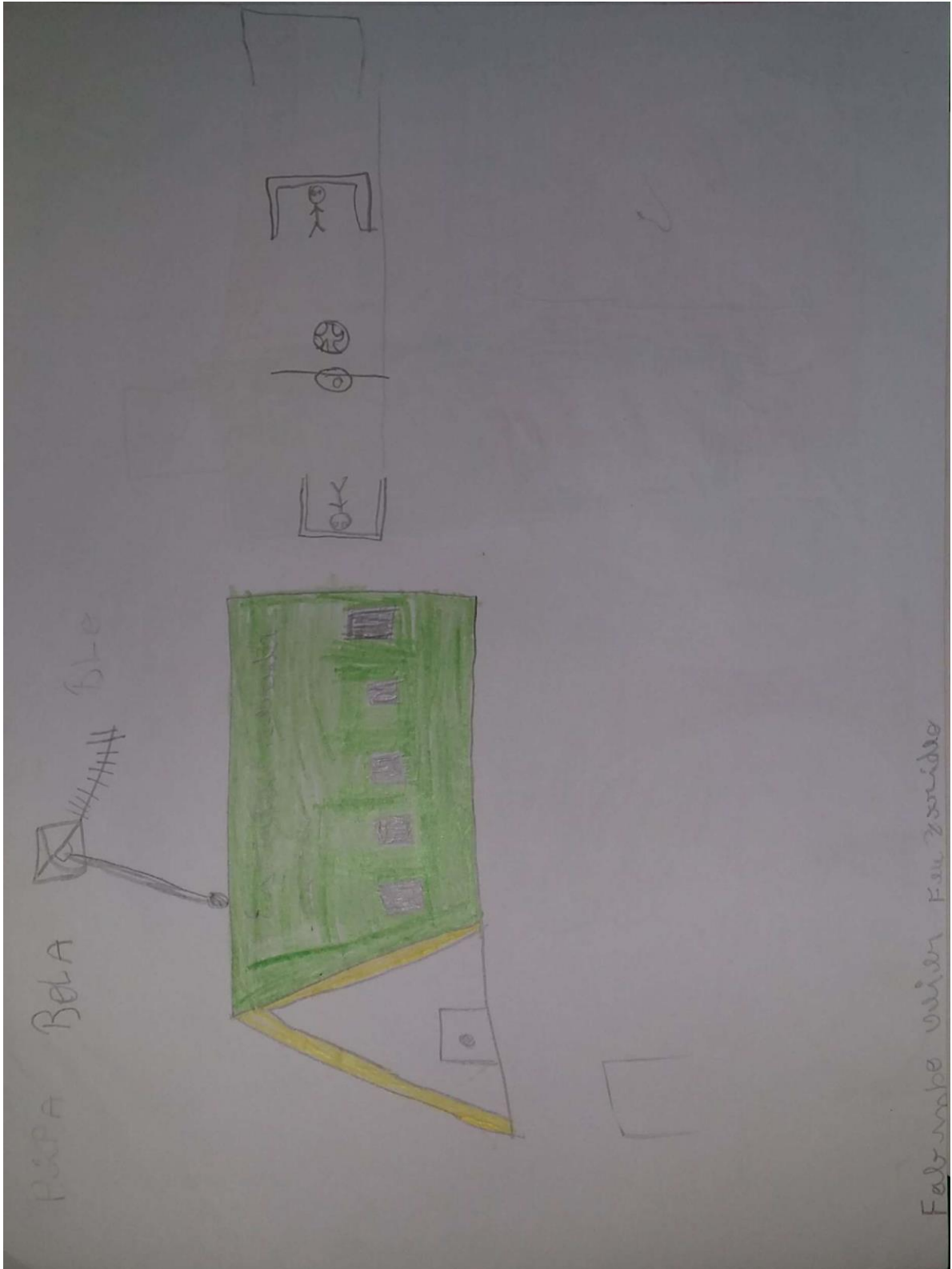
Turma: 3º ano



Significação do recreio e as brincadeiras que mais gosta de brincar no mesmo.

Aluna: Darlene

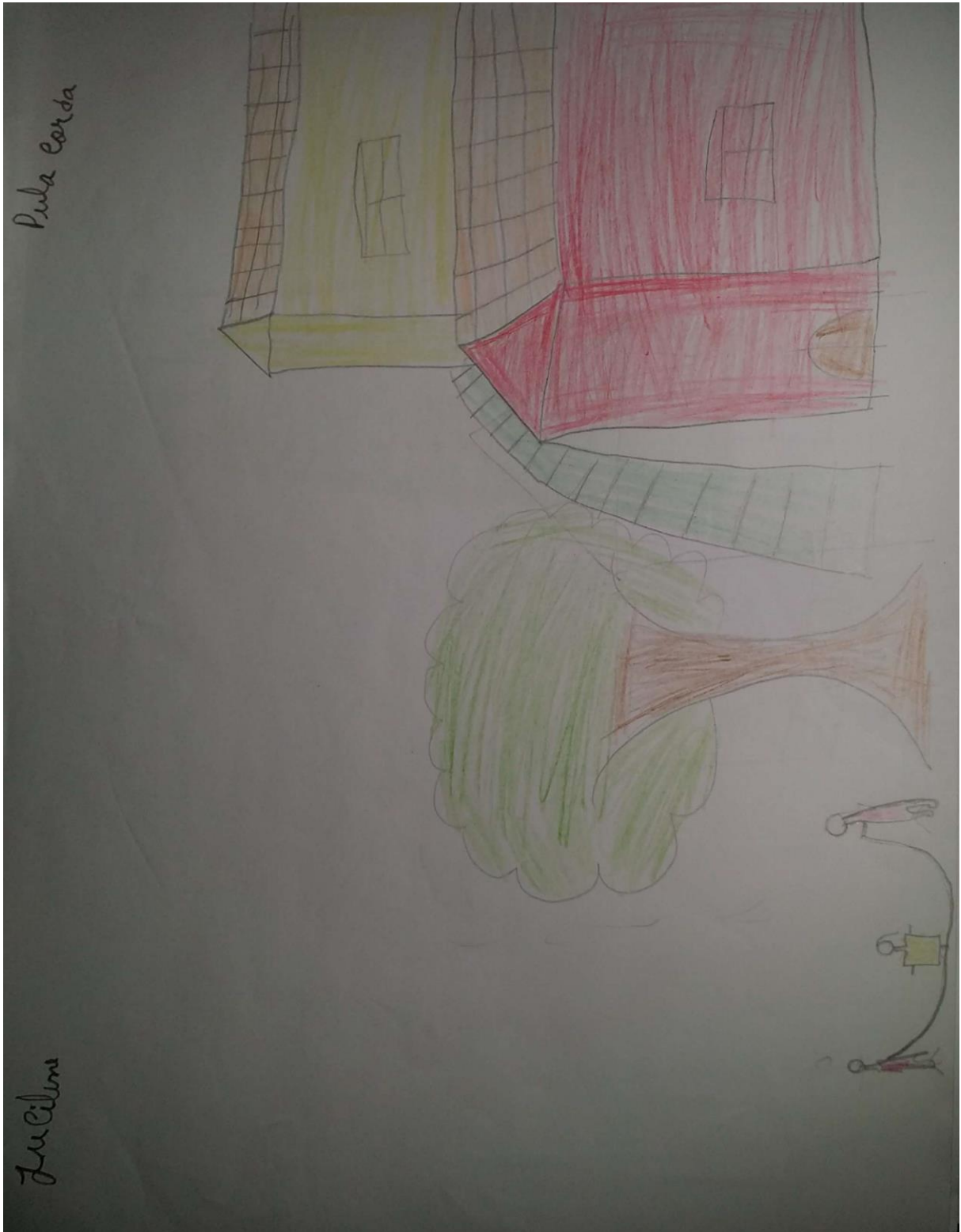
Turma: 3º ano



Significação do recreio e as brincadeiras que mais gosta de brincar no mesmo.

Aluno: Fabinho

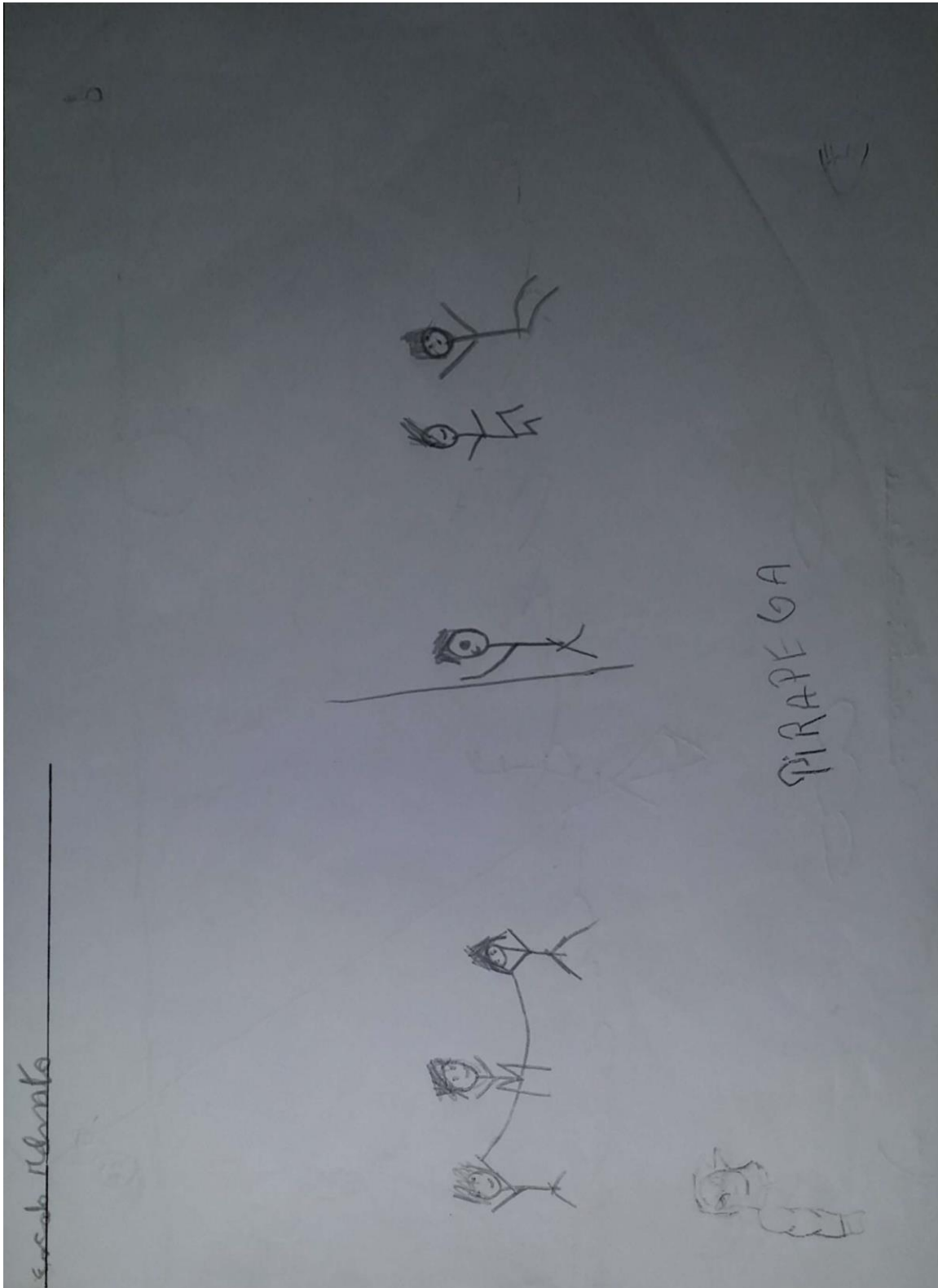
Turma: 3º ano



Significação do recreio e as brincadeiras que mais gosta de brincar no mesmo.

Aluna: Jucilene

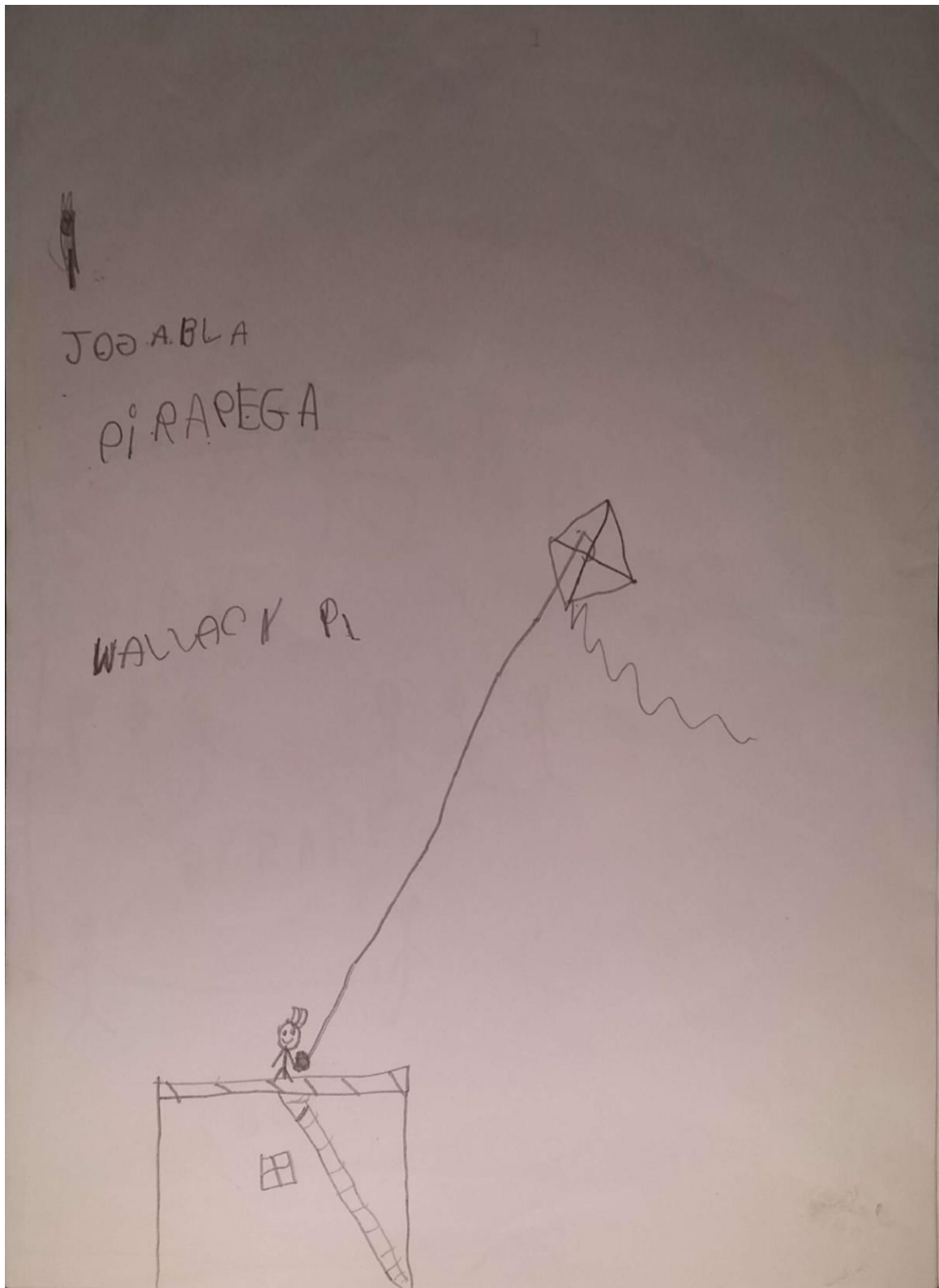
Turma: 3º ano



Significação do recreio e as brincadeiras que mais gosta de brincar no mesmo.

Aluno: Renato

Turma: 3º ano



Significação do recreio e as brincadeiras que mais gosta de brincar no mesmo.

Aluno: Wallacy

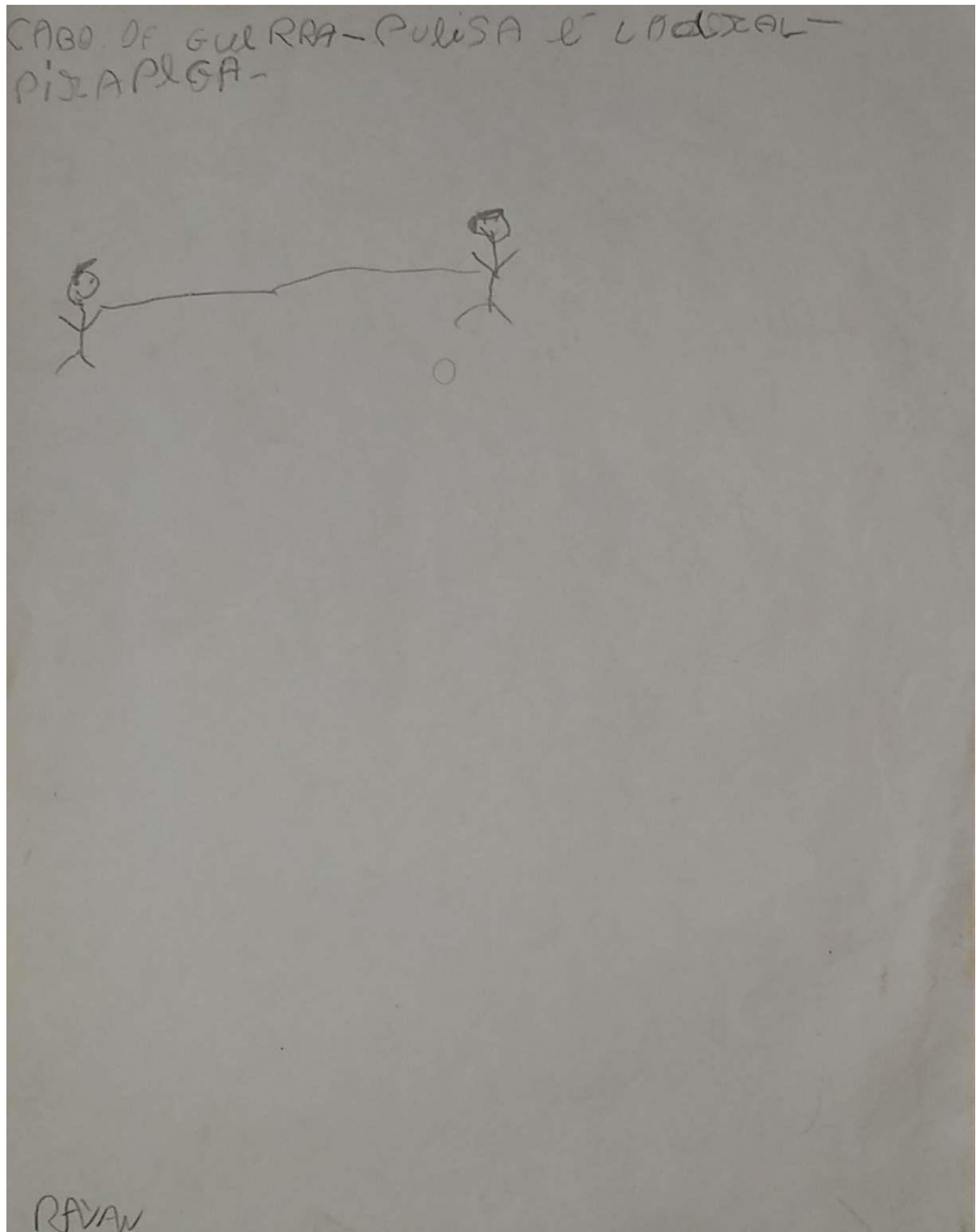
Turma: 3º ano



Significação do recreio e as brincadeiras que mais gosta de brincar no mesmo.

Aluno: Kaiki

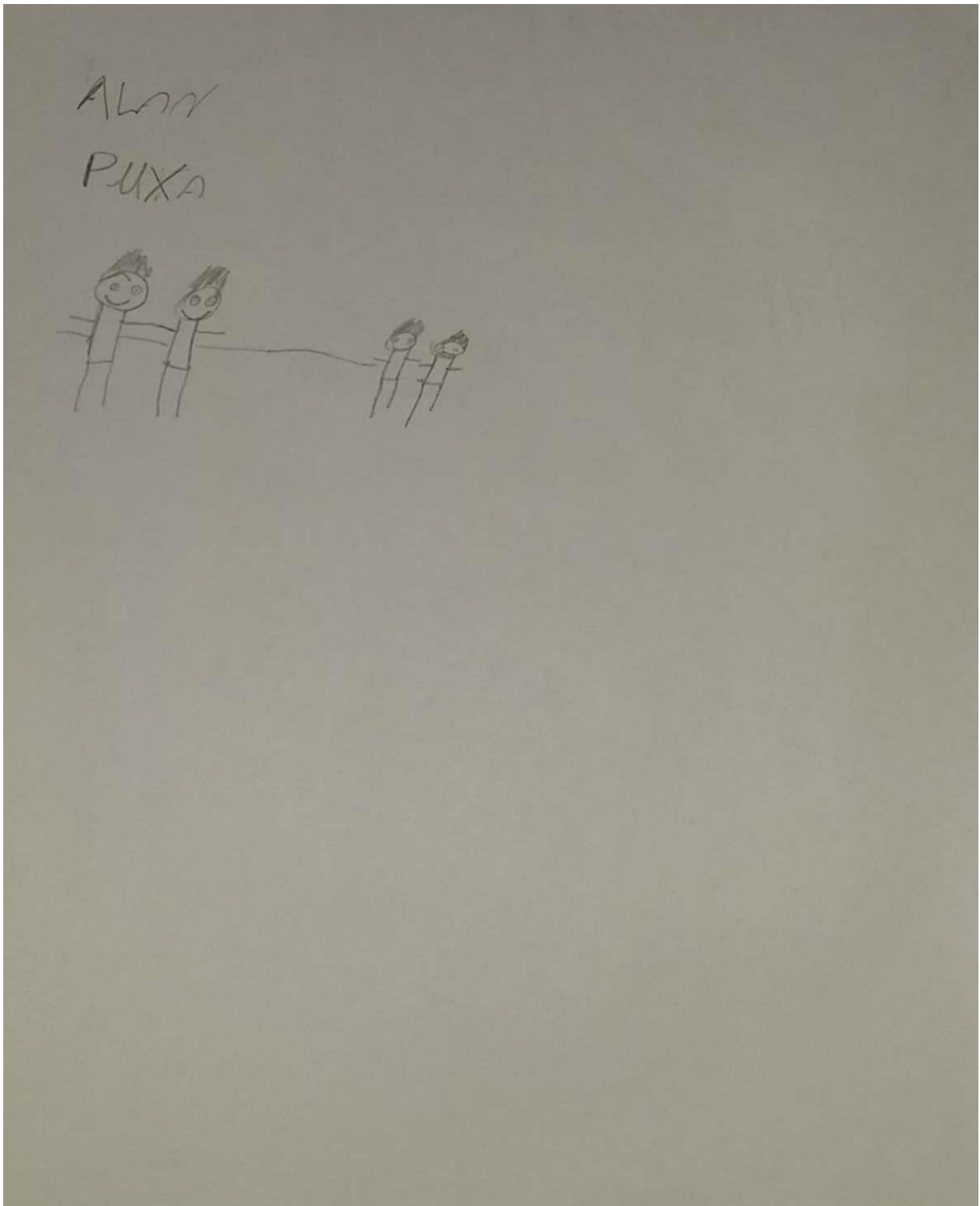
Turma: 3º ano



Significação do recreio e as brincadeiras que mais gosta de brincar no mesmo.

Aluno: Rayan

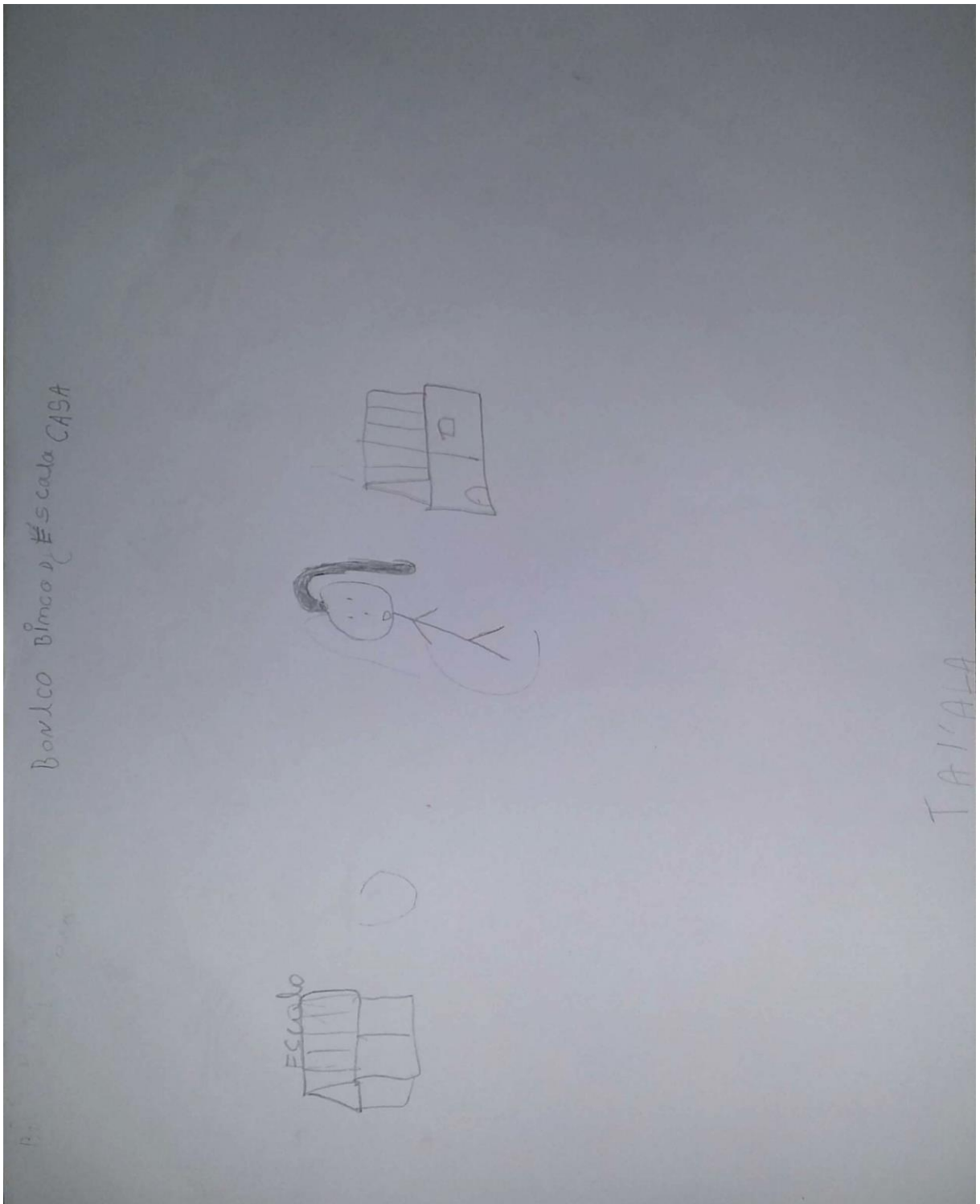
Turma: 3º ano



Significação do recreio e as brincadeiras que mais gosta de brincar no mesmo.

Aluno: Rayan

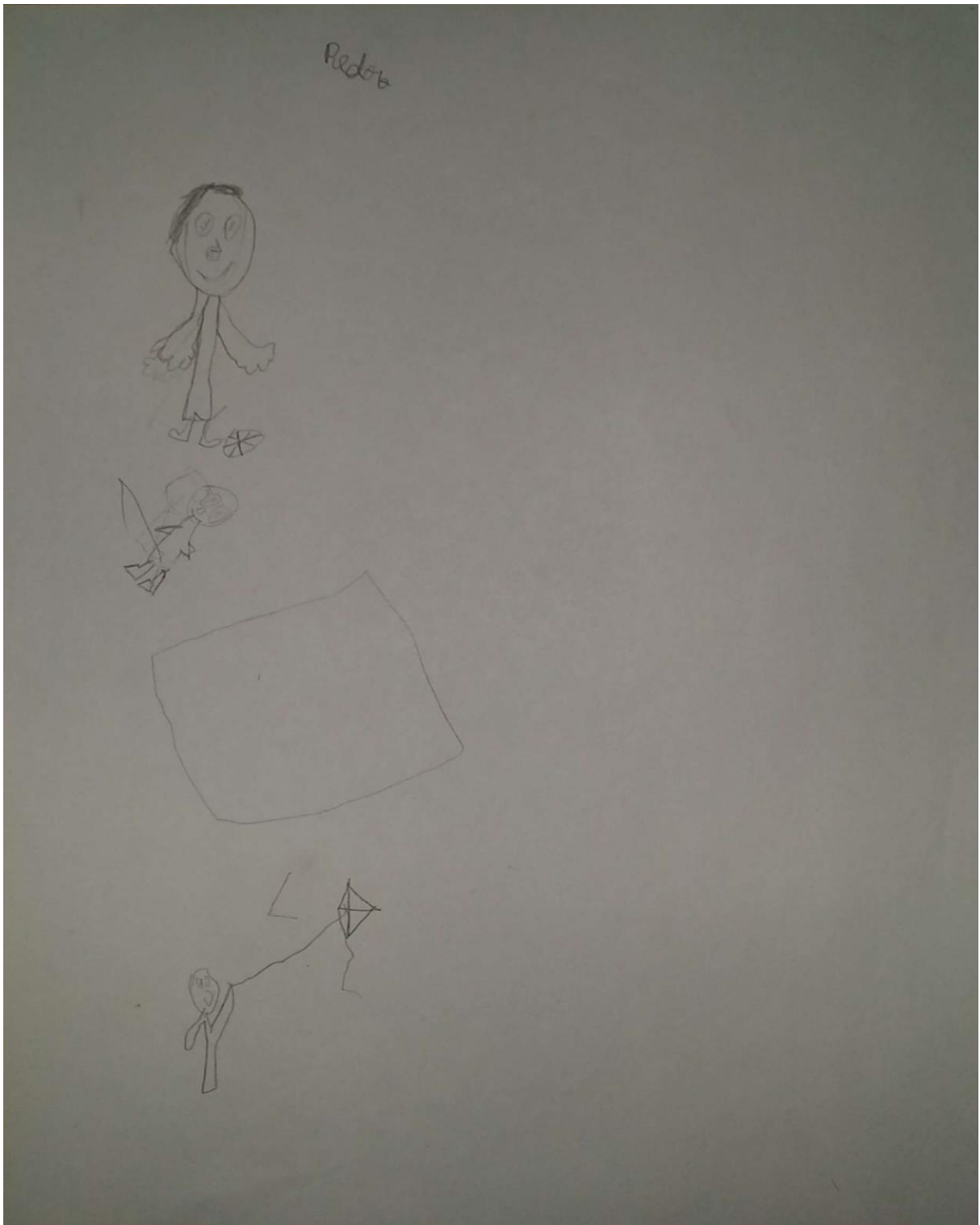
Turma: 3º ano



Significação do recreio e as brincadeiras que mais gosta de brincar no mesmo.

Aluna: Tayala

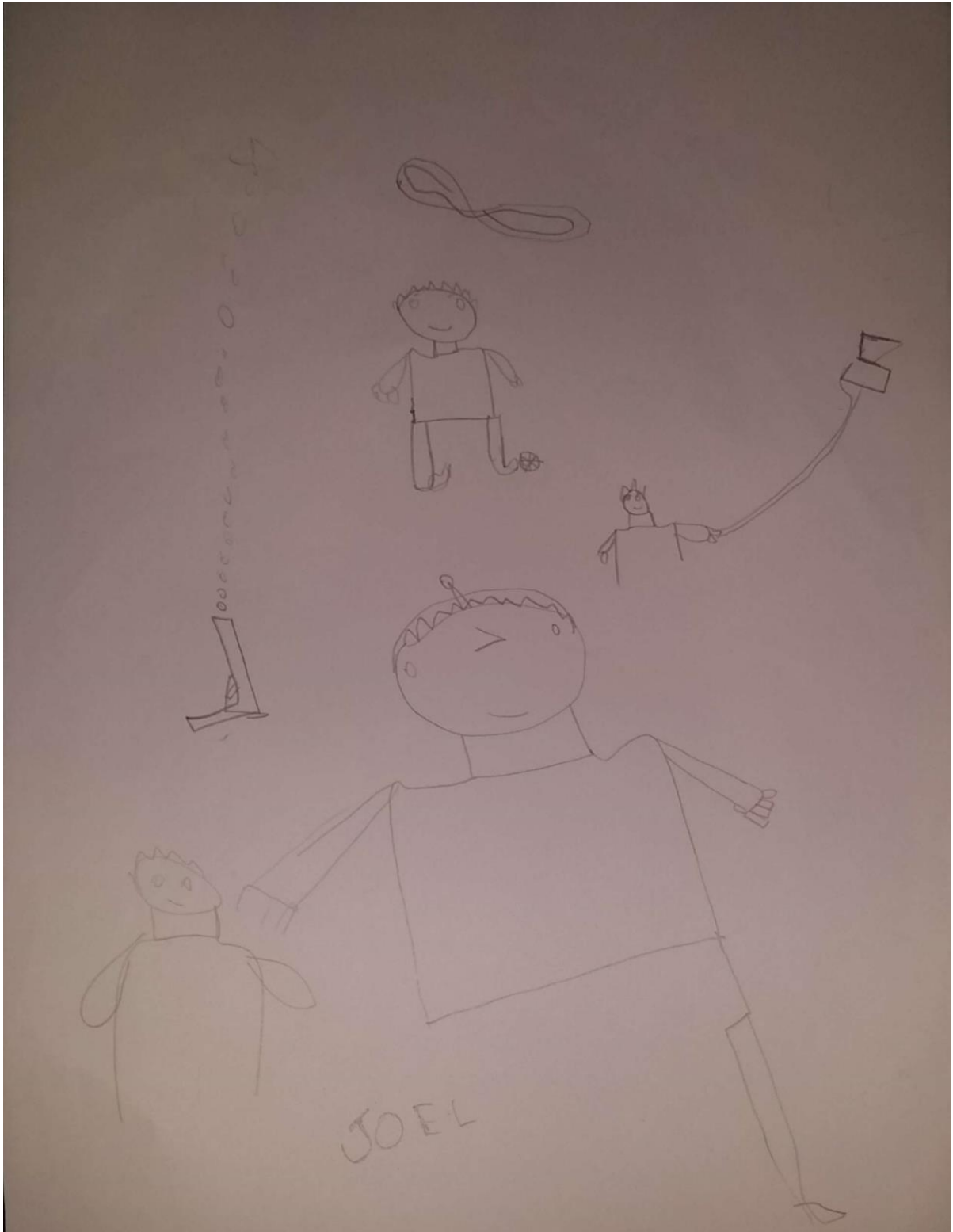
Turma: 3º ano



Significação do recreio e as brincadeiras que mais gosta de brincar no mesmo.

Aluno: Pedro

Turma: 3º ano



Significação do recreio e as brincadeiras que mais gosta de brincar no mesmo.

Aluno: Joel

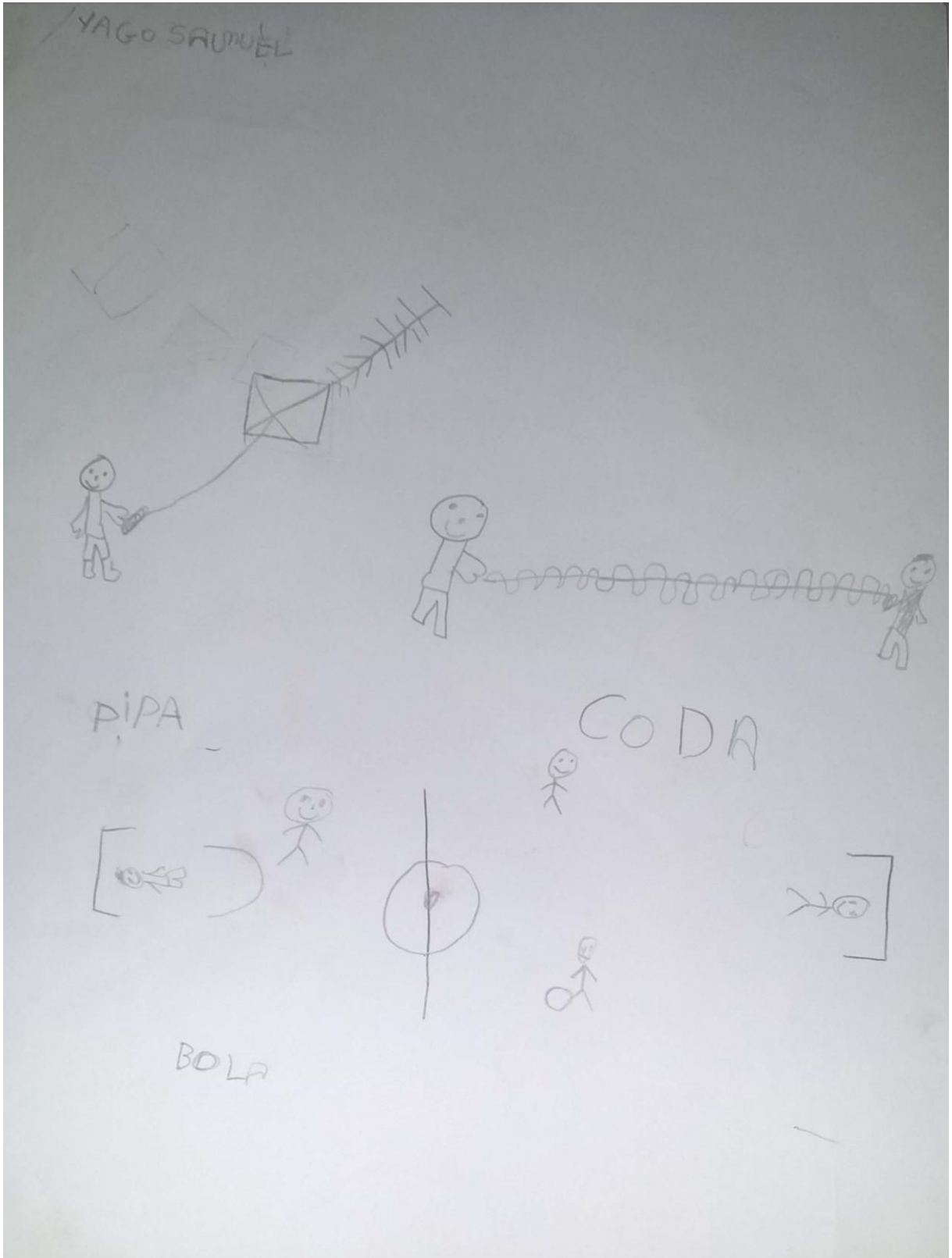
Turma: 3º ano



Significação do recreio e as brincadeiras que mais gosta de brincar no mesmo.

Aluna: Josiele

Turma: 3º ano

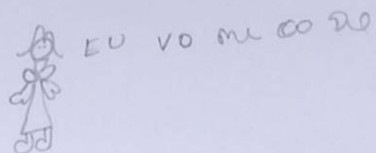
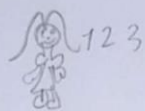
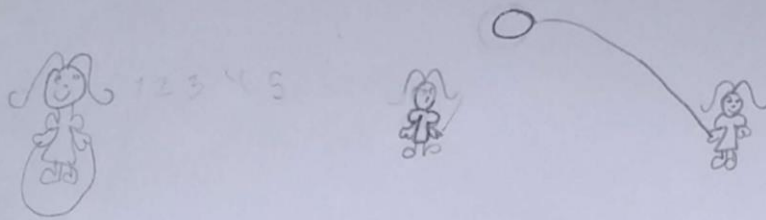


Significação do recreio e as brincadeiras que mais gosta de brincar no mesmo.

Aluno: Yago

Turma: 3º ano

EU gata di Bruno di Piroscandi  
 Piroscandi 5 coti di Bruno  
 di Piroscandi

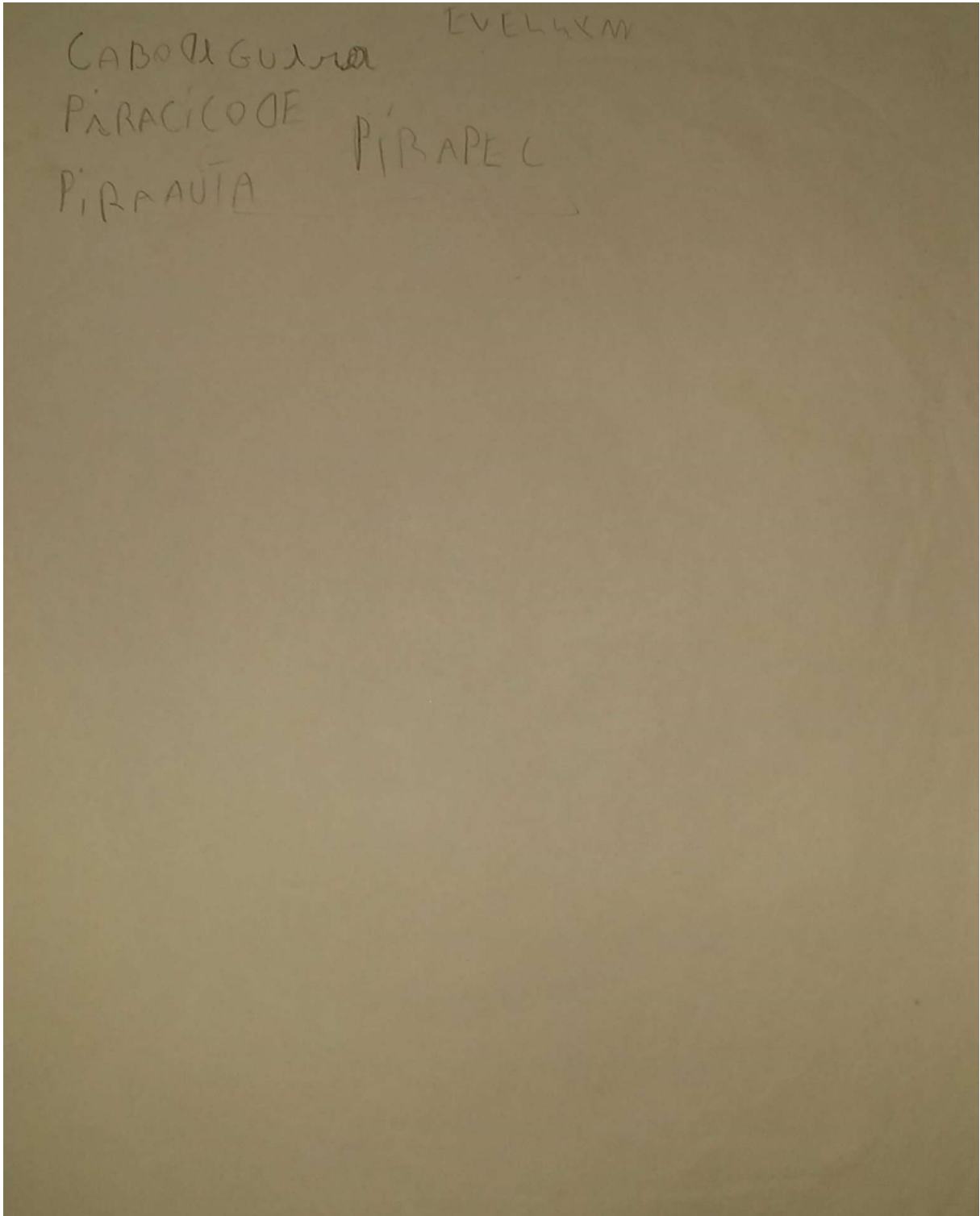


AWA

Significação do recreio e as brincadeiras que mais gosta de brincar no mesmo.

Aluna: Ana

Turma: 3º ano



Significação do recreio e as brincadeiras que mais gosta de brincar no mesmo.

Aluna: Evellym

Turma: 3º ano